



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**“MULHER MACHO?” PRECONCEITO DE GÊNERO E
FUTEBOL FEMININO**

JULIA MARQUES DE SOUZA CORRÊA

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**“MULHER MACHO?” PRECONCEITO DE GÊNERO E
FUTEBOL FEMININO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

JULIA MARQUES DE SOUZA CORRÊA

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – Catalogação na Publicação

M357? Marques, Julia
"Mulher macho?" Preconceito de gênero e futebol
feminino / Julia Marques. -- Rio de Janeiro, 2022.
60 f.

Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2022.

1. gênero. 2. futebol feminino. 3. corpo. 4.
sexualidade. 5. performance. I. Nóra Pacheco Latini,
Gabriela, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **“Mulher macho?”**
Preconceito de gênero e futebol feminino, elaborado por **Julia Marques de Souza**
Corrêa.

Aprovado por



Prof. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini (orientadora)



Prof. Dra. Tatiane Leal

Prof. Dra. Patrícia D'Abreu

Grau: 10 (dez)

Rio de Janeiro, no dia 23/12/2022

Rio de Janeiro
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
PATRICIA CARDOSO D ABREU - SIAPE 1921373
Departamento de Comunicação Social - DCS/CAr
Em 23/01/2023 às 12:48

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://apl.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/636173?tipoArquivo=O>

À minha mãe Elaine e à minha avó Neuza que
me ajudaram a chegar aonde eu estou hoje.

AGRADECIMENTOS

“A felicidade só é real quando compartilhada” (INTO THE WILD, 2007). Começo este texto com a frase que mais me marcou ao longo da minha trajetória, descoberta pela primeira vez assistindo a um dos meus filmes preferidos. Entender que tudo que conquistamos nessa vida não é só nosso, mas também das pessoas que estiveram conosco ao longo do percurso, é o que me motivará a escrever essas palavras de agradecimento.

Por isso, começo, primeiramente, agradecendo às duas maiores mulheres da minha vida que, não à toa, estão na dedicatória deste trabalho. Mãe, sem você, com toda a certeza do mundo, eu não poderia estar aqui hoje. Graças a você, eu estudei nos melhores colégios, tive os melhores materiais didáticos e recursos para ser a profissional qualificada que sou hoje – apesar de, é claro, ainda ter muitas habilidades para desenvolver e viver outras experiências no mercado. Obrigada por sempre ser o meu maior apoio e buscar entender, mesmo quando parecia impossível, a minha ausência, estresse e cansaço diário. Tudo que tenho e ainda vou conquistar na vida pertence a você também.

Vó Neuza, minha maior saudade, penso em você todos os dias. Às vezes me pego relembando da época da escola, em que você fazia o melhor almoço do mundo e ficava brincando comigo até o transporte escolar chegar. E, no fim do dia, estava você lá, sempre, no portão de casa me esperando voltar. Te agradeço imensamente por todas as lembranças, ensinamentos, conversas e sensações que deixaste nessa terra. Lembro-me de cada uma delas como se você ainda estivesse aqui. Obrigada por ter sido a melhor avó do mundo.

Ao meu irmão, João Vitor, que já não está mais conosco neste plano, te agradeço imensamente pela nossa infância. Você foi o meu herói, o meu grande amigo e maior protetor. Depois que crescemos, nos afastamos, mas sempre te guardarei na memória com muito carinho, amor e admiração. Queria que você pudesse ler este projeto e se orgulhar de mim, mas sei que onde quer que você esteja, vibrará pelas minhas conquistas. Obrigada, meu irmão.

Gostaria de agradecer também à Escola de Comunicação da UFRJ. Lá, conheci grandes amigos e amores que levarei para o resto da minha vida. Aprendi sobre temas que nunca imaginei conhecer e me tornei, ainda que a jornada seja longa, uma profissional na qual me orgulho em ser. Na ECO/UFRJ, tive a chance de revisitar uma paixão antiga que ainda pulsava no meu coração: o futebol. Por isso, agradeço imensamente ao time de futsal feminino da Atlético de Comunicação e Artes por ter sido a minha casa por mais de quatro anos e ter me proporcionado experiências únicas no esporte.

Por falar em universidade, não poderia, jamais, deixar de agradecer a minha

excelentíssima orientadora, Gabriela Nóra, que acreditou em mim e no tema deste projeto desde o início. Muito obrigada por me fazer enxergar que a monografia é, sim, um dos momentos mais difíceis da vida de um universitário, mas também é um dos mais prazerosos. Escrever sobre um tema que você se identifica e acredita faz toda a diferença. Meus mais sinceros agradecimentos e saiba que você foi muito além de uma orientadora, às vezes se tornou aquela amiga confiante, outras aquela que “puxa a sua orelha” e te faz perceber o que realmente importa. Terás, para sempre, o meu respeito e admiração.

Aos meus queridos amigos, que dividirei aqui em grupos, para que ninguém se sinta menos importante ou esquecido. Primeiramente, ao João Pedro, que conheço desde o ensino médio e têm sido o meu melhor amigo, porto seguro e irmão. Lembro-me das nossas inúmeras conversas sobre o futuro, nossas incertezas sobre profissões e caminhos a seguir. A verdade é que nunca estivemos certos de nada, apenas de uma coisa: independente do que escolhêssemos e para onde iríamos, seríamos eternamente amigos. Hoje, você reside em São Paulo e eu, na cidade maravilhosa. Apesar de alguns quilômetros de distância, você sempre se manteve presente. Obrigada por todas as risadas, incentivos, discussões, conselhos e, principalmente, por todo o amor que você me deu ao longo da nossa história. Te amo e te admiro sempre.

Seguindo no caminho do Ensino Médio, gostaria de agradecer aos meus grandes amigos João Victor Soares, Lara Oliveira, Ana Paula Fernandes e Enzo Tomaz. Vocês foram fundamentais neste momento da minha vida e são até hoje. Obrigada pelos momentos incríveis que passamos juntos, todas as risadas, momentos de desespero, estudo e, principalmente, de muita parceria. Sem vocês, o percurso teria sido muito mais difícil. Grata demais por tê-los comigo.

Aos meus amigos da vida e de longuíssima data, Hanna Barros, Marcelo Augusto, Gabriella Angelis, Fernanda Fernandes e Victor Peixoto, meus sinceros agradecimentos. Ter cada um de vocês ao meu lado torna a caminhada mais tranquila, interessante e muito mais feliz. Obrigada por todo o acolhimento, companheirismo, amizade duradoura e paciência, mesmo quando eu desmarcava as nossas saídas em cima da hora. Sem vocês, com certeza, nada disso seria possível, pois como diz o cantor Emicida: “quem tem um amigo, tem tudo”.

Por último, mas nunca menos importante, agradeço ao meu grande amor, Helena Peres. Hoje, já não estamos mais juntas, mas foram mais de três anos de relacionamento e seria impossível não agradecer-las por toda a nossa parceria e companheirismo. Você ouviu os meus choros, anseios, reclamações e incontáveis questionamentos sobre a minha capacidade de finalizar este projeto. Obrigada por todo o apoio e incentivo redobrado que você depositou em mim nesse último ano, eles foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Sigo repetindo,

você é a melhor pessoa que eu já conheci nessa vida. Serei eternamente grata ao universo por ter feito os nossos caminhos se cruzarem. Você é luz, movimento, sentimento e, principalmente, amor. Obrigada por ter me ensinado que o amor pode ser calmo, tranquilo e gostoso de ser vivido. Carregarei, para sempre, uma parte de você em mim. Meus mais profundos agradecimentos a você e a nossa história. Obrigada.

MARQUES, Julia Marques de Souza Corrêa. **“Mulher macho”?** **Preconceito de gênero e futebol feminino.** Orientadora: Gabriela Nóra. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

O projeto analisa o reflexo do machismo estrutural na prática do futebol feminino – atividade direcionada, inicialmente, apenas aos homens. Utilizando a bibliografia de autores renomados, como Judith Butler, Guacira Louro e Silvana Goellner, buscamos entender como o gênero é um marcador social definidor e explicativo das (im)possibilidades das mulheres no futebol, sendo também um dos responsáveis pelos desafios que elas enfrentam diariamente ao praticarem essa modalidade esportiva. O estudo justifica-se com base no conceito de performance atrelado ao gênero e na oposição entre masculino e feminino, delimitando estereótipos comportamentais para cada indivíduo.

Palavras-chave: gênero; futebol feminino; corpo; sexualidade; performatividade.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 01 |
| 2. RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE | 04 |
| 2.1 A construção do feminino e masculino | |
| 2.2 Corpo, performance e limitações gendradas | |
| 3. MULHER MACHO? A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO | 18 |
| 3.1 As mulheres no esporte | |
| 3.2 O futebol feminino no Brasil: da proibição ao início da prática | |
| 3.3 Entre a sexualidade e feminilidade questionadas | |
| 4. MULHER E FUTEBOL: UM AMOR (QUASE) IMPOSSÍVEL | 34 |
| 4.1 A luta igualitária | |
| 4.2 A construção de um legado e a esperança para as próximas gerações | |
| 5. CONCLUSÃO | 46 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | |

1 INTRODUÇÃO

O futebol sempre esteve presente na minha vida. Lembro-me de praticar o esporte na rua com os amigos do meu irmão desde pequena. À época, considerava apenas uma brincadeira de criança. Com o tempo, o amor pelo esporte se tornou cada vez maior e a necessidade de praticar a atividade, no mínimo semanalmente, começou a surgir. Quando iniciei os treinos em uma escolinha só de meninos, localizada no meu bairro (Penha – RJ), os olhares torturantes e os apelidos desestimulantes se transformaram em algo frequente. O termo “mulher macho” foi o que mais me marcou. Me questionava constantemente: “será que eu preciso ser um homem, mais especificamente um macho, para jogar futebol”? Foi a partir dessa vivência e na busca de entender até que ponto o gênero está atrelado à prática corporal de homens e mulheres, que o título e o tema deste projeto de pesquisa nasceram.

Desde muito cedo, nós, mulheres, fomos consideradas ao longo da história da humanidade seres inferiores aos homens. Enquanto a eles eram garantidos os melhores estudos e reconhecimentos, a nós cabia a submissão no lar e a maternidade. É certo que, após tantos anos e busca pela igualdade, muita coisa mudou e evoluiu. Entretanto, é inegável que, pela nossa cultura ter sido construída em uma sociedade machista e patriarcal, as mulheres estão sujeitas a diferentes opressões de gênero até nos dias atuais.

Seja na política, no jornalismo, nas pesquisas acadêmicas, nas relações heterossexuais ou na vida profissional, qualquer mulher está sujeita a sofrer preconceito por conta do seu gênero. No campo dos esportes, mais especificamente no futebol, não poderia ser diferente. Na verdade, até se torna mais evidente e constante. “Mulher macho”, “maria joão” e “chuta que nem homem” são frases constantemente ouvidas pelas amantes do esporte.

Isso acontece porque, em nossa sociedade, foram definidos modos de ser que remetem ao masculino e feminino. Desde o descobrimento do sexo do bebê, por exemplo, a sociedade começa a impor certos estilos de vivência ligados diretamente à construção de gênero – criando-se, assim, estereótipos comportamentais para cada indivíduo. O futebol, atividade que, por muitos anos, foi direcionada somente aos homens, evidencia jeitos considerados “masculinos” em nossa cultura – o que dificultou consideravelmente a entrada e desenvolvimento das mulheres na modalidade.

Hoje, compreende-se que o esporte, seja qual for, é para todos, mas até que ponto o incentivo e investimento nas modalidades não são influenciados pelas perspectivas de gênero? Neste sentido, buscaremos compreender como a consolidação do gênero em nossa cultura

ocidental afeta diretamente os corpos, a mente e os desejos de homens e mulheres, além de limitar práticas corporais para cada um deles – sendo o objeto de estudo deste projeto o futebol praticado por mulheres. Analisar a relação entre mulheres e futebol será fundamental para compreendermos a trajetória da modalidade feminina no Brasil e os impactos do preconceito de gênero no desenvolvimento e evolução do esporte.

A partir da revisão bibliográfica de autores que dialogam com o tema deste trabalho, analisaremos como a dicotomia entre os sexos foi historicamente construída e culminou na divisão do que é considerado “para meninas” e “para meninos”. Entrevistas com atletas do time Atenas Academy – academia de futsal feminino amador do Rio de Janeiro – também serão realizadas para compreendermos, na prática, como estar nesse ambiente considerado culturalmente masculino interfere em como os corpos das jogadoras são vistos e nas barreiras encontradas para a permanência e ascensão do esporte.

Reiteramos a importância de destacar esse assunto para compreendermos de onde vem a desigualdade estabelecida entre homens e mulheres no futebol. Naturalizar e incentivar a presença feminina em modalidades que, antes, sempre foram direcionadas e ensinadas aos homens, é um caminho que vai além da ocupação de espaços masculinos ou da possibilidade de praticar qualquer esporte, significa dar autonomia para que as mulheres possam fazer o que desejarem com os seus corpos, mente, vontades e sonhos.

Dessa forma, para abordar todas as questões estruturantes e fundamentais para o nosso objeto de pesquisa, este trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro, discutiremos sobre a construção do feminino e masculino em nossa sociocultura. A partir dos estudos de Thomas Laqueur (2001) sobre o modelo de sexualidade humana, entenderemos como ocorreu o desenvolvimento do modelo binário em que o mundo se estruturou e como esta relação entre homem e mulher classificou tanto as atividades corporais quanto as práticas sociais de acordo com a oposição entre masculino e feminino.

Em seguida, utilizaremos os pensamentos de Judith Butler (2018) e Guacira Louro (2001) para analisarmos como “ser homem” ou “ser mulher” é algo construído todos os dias, de século a século. Para as autoras, tanto o sexo dos indivíduos quanto o gênero são criados na cultura e são reafirmados através de atos performativos já pré-estabelecidos para cada sujeito desde o momento da descoberta do sexo do bebê. Assim, pretendemos compreender como a construção do gênero limita, de certa forma, a prática do futebol por mulheres – justamente por ser um esporte que, em nosso imaginário social, é uma atividade direcionada aos homens.

É justamente no segundo capítulo que conheceremos, mais a fundo, a história das mulheres no esporte. Aqui, será possível ver que, de uma forma geral, o envolvimento feminino

com o esporte é marcado por muitas rupturas e regressões. Conforme os estudos de Victor Andrade de Melo (2009) ajudarão a mostrar, as mulheres só tiveram a oportunidade de iniciar no universo das práticas corporais e esportivas em meados do século XIX, com foco no embelezamento e melhores condições para enfrentar a maternidade. Apesar desse pequeno avanço, algumas atividades – consideradas como violentas demais para a “natureza” das mulheres – permaneceram proibidas para elas por quase quatro décadas, como é o caso do futebol. Assim, será traçado um panorama histórico do futebol feminino para compreendermos a maneira que o esporte se apresentou para as mulheres e os desafios encontrados para a evolução da modalidade após anos de sua proibição.

Complementando este segundo capítulo, abordaremos como o gênero está diretamente relacionado com a sexualidade dos indivíduos, principalmente das mulheres que jogam futebol. Utilizando os estudos de Priscila Gomes Dornelles e Jilvania Santana dos Santos (2020), somados a Judith Butler (2003) e Guacira Louro (2004), buscaremos mostrar como a concepção binária dos gêneros limita e singulariza a forma de ser masculino e feminino, forçando também a produção de uma heterossexualidade dita como natural. Através desse entendimento, refletiremos sobre o porquê de as jogadoras de futebol serem identificadas, em um primeiro momento, como não heterossexuais e/ou como lésbicas e bissexuais, ou qualquer outra expressão considerada desviante da sexualidade padrão.

O terceiro e último capítulo será dedicado, inicialmente, a apresentar como a pluralidade do “ser mulher” e das formas de performar feminilidade constroem possibilidades de as mulheres ocuparem diferentes espaços e serem reconhecidas dentro deles. Neste momento, mostraremos algumas conquistas significativas para o desenvolvimento da modalidade feminina no Brasil, como a igualdade de valores nos prêmios e diárias entre as Seleções masculinas e femininas. Apesar de ainda caminhar em passos lentos, veremos que a evolução e desenvolvimento do esporte no país tem se mostrado cada vez mais constante e duradoura.

Por fim, a segunda parte deste capítulo apresentará, através de entrevistas e dados, como a Seleção feminina de futebol se tornou uma referência para as amantes do esporte e deixará um legado significativo para as próximas gerações. Além disso, buscaremos entender como a criação de espaços que estimulem o desenvolvimento do futebol feminino, seja de forma amadora ou profissional, contribui para a evolução do esporte em diversos aspectos, principalmente na perspectiva de gênero.

2 RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE

Menino veste azul e menina veste rosa. Menino pode praticar esportes radicais; menina pode somente praticar atividades mais sensíveis e que não utilizem tanto a força física. Homens trabalham para pagar as contas de casa e colocar comida na mesa; as mulheres precisam procriar e cuidar das suas famílias.

Existe um entendimento em nossa sociedade de que através das normas, símbolos e atitudes dos seres humanos se promove aquilo que é feminino ou masculino em cada cultura – criando-se, assim, estereótipos comportamentais para cada indivíduo, como os citados acima. A partir disso, desde o descobrimento do sexo do bebê (macho ou fêmea), a sociedade impõe certos estilos de vivência ligados diretamente à construção de gênero.

Nesse modelo de pensamento, a existência de gêneros é a manifestação de uma desigual distribuição de responsabilidade na produção social da existência. O seu conceito surge como uma categoria, pois leva em conta fatores sociais, históricos e culturais do sujeito, ou seja, não há conceitos pré-existentes, uma vez que as identidades de gênero são mutantes e mutáveis (BERGER; LUCKMANN, 1978).

Assim, o estereótipo para cada gênero, ou seja, o que é considerado um padrão de feminilidade ou masculinidade consiste em uma construção social, podendo variar não só entre diferentes sociedades, mas também dentro de uma mesma, com o decorrer do tempo (KIMMEL, 1998). Então, ao analisarmos o ser “feminino” e o ser “masculino” em nossa sociocultura, compreenderemos como a construção de gênero determina o que é aceitável para homens e mulheres, além de entendermos como essas experiências fazem referência a significados particulares e limita certas práticas a apenas um sexo.

Mas como surgiu o modelo de sexualidade humana que conhecemos hoje: o feminino e o masculino? Em que momento foi entendido que o homem seria um ser superior à mulher e como foi construída a hierarquia dos sexos? Como o conceito de gênero impacta diretamente na prática de atividades corporais por mulheres, como o futebol? Estas são algumas das questões que serão abordadas ao longo deste primeiro capítulo.

2.1 A construção do feminino e masculino

Apesar dos avanços consideráveis das últimas décadas, a história das relações de gênero ainda é um tema em construção. Por certo, já houve notável desenvolvimento do estudo da temática em pouco tempo, mas a consolidação desse campo de estudos ainda é muito recente.

O conceito de gênero surgiu aproximadamente nos anos 1950, quando o Dr. John Money, da Universidade John Hopkins, fez seu uso no estudo da redesignação sexual de pessoas intersexuais.

Antes disso, até o século XVIII, não era possível encontrar um modelo de sexualidade humana como entendemos hoje. De acordo com Laqueur em seu livro “Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud” (2001), o Ocidente não concebia a sexualidade humana como algo binário e dividido entre masculino e feminino – o que se estabeleceu, na época, foram normas da diferença sexual entre ambos. Portanto, o modelo de sexualidade dominante era a do *one-sex-model* ou monismo sexual. Como a própria tradução já diz, é o modelo fundamentado na existência de um sexo único.

No *one-sex-model*, a mulher era entendida como sendo um homem invertido. O útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis (LAQUEUR, 2001, p.16). O modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina, onde a regra fálica¹ distinguia perfeitamente o domínio de superioridade e inferioridade masculina e feminina, respectivamente. Concebida como um homem invertido e inferior, a mulher será um sujeito menos desenvolvido na escala da perfeição adotada em nossa sociocultura.

Entendendo a complexidade do assunto abordado referente à teoria da sexualidade construída por Sigmund Freud, chamada fase fálica, abordaremos brevemente o assunto para compreendermos como o membro sexual se torna fundamental para a diferenciação entre os sexos. Para Freud, a oposição entre o masculino e o feminino, entre os homens e as mulheres, seria constituída em torno da figura do falo. Ter ou não ter o falo e os seus atributos, seria essa a questão que dividiria o mundo dos sexos e dos gêneros. Ou, então, ser ou não ser o falo implicaria a dimensão narcísica originária da tal diferença sexual. “Acreditar-se portador de um poder de superioridade por ter o pênis como atributo do falo seria a crença maior da arrogância masculina em relação às mulheres”. (BIRMAN, 1999, p.11)

Segundo Sérgio Gomes da Silva (2000), foi apenas na passagem do século XVIII para o século XIX que algumas grandes mudanças passariam a ocorrer, como a queda do conceito de unicidade e perfeição do corpo masculino para o *two-sex-model*. Laqueur confirma esse momento quando dá a entender que, a partir de um determinado momento, a mulher não era

¹ Apesar de Freud destacar a importância da presença ou ausência do pênis no menino, ou o seu correspondente, o clitóris na menina, a anatomia não é a única condição necessária para a aquisição de uma masculinidade e de uma feminilidade, mas deve-se sublinhar sua importância, sobretudo na aquisição de uma identidade sexual em ambos os sexos. (SILVA, 2000, n.p)

mais o homem invertido.

O antigo modelo no qual homens e mulheres eram classificados conforme seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital, ao longo de um eixo cuja causa final era masculina, deu lugar, no final do século XVIII, a um novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica. Uma anatomia e fisiologia de incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher com relação ao homem. (LAQUEUR, 2001, p. 17)

Assim, com o *two-sex-model*, a diferença entre os gêneros se dá de maneira político-ideológica, impondo diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com as exigências da sociedade. De homem invertido, a mulher passa a ser o inverso do homem ou sua forma complementar. Apesar disto, as consequências morais manteriam ainda a inferioridade da mulher no conflito entre as esferas pública e privada, no conceito científico e religioso do mundo e na importância da nova ordem político-econômica do estado burguês (COSTA apud Silva, 2000).

Ana Maria Colling (2015), ao abordar sobre a construção do corpo feminino na história, afirma que o primeiro discurso a ser utilizado para a designação dos papéis sexuais e sociais é o da matriz filosófica grega. O discurso grego é seguido pelo religioso, através de seu mito de criação, com a expulsão de Adão e Eva do paraíso. Esta simbologia retratada no Velho Testamento foi, e muitas vezes ainda é, usada para designar papéis e posições de gênero, assim como para criar representações femininas. (COLLING, 2015, p. 183).

Então, essa dicotomia dos sexos, acompanhada pelo discurso religioso, também ressaltou o domínio masculino sob o feminino, sobretudo referindo-se à inferioridade da mulher enquanto fragilidade do corpo e, posteriormente, quanto ao prazer erótico. Neste novo modelo de pensamento, como aponta Silva, a mulher seria mais frágil, desprovida de calor vital e sofreria de menos privilégios que os homens. A nova concepção da mulher, portanto, havia mudado, mas nada mudaria no seu estereótipo de inferioridade, em que fora colocada desde o início. A mudança de concepção veio apenas reiterar a supremacia masculina, e não levar a mulher a um patamar de maior prestígio.

Virgínia Woolf, uma das escritoras mais influentes da literatura mundial e quem mais defendeu os direitos das mulheres através de seus textos, também enfatiza e explica essa inferiorização da mulher perante ao homem:

As mulheres durante séculos serviram de espelho para os homens, elas possuíam o poder mágico e delicioso de refletir uma imagem de homem duas vezes maior do que a da natureza. Eis porque os homens buscavam assegurar

a inferioridade das mulheres, pois se elas não fossem inferiores, cessariam de ser espelhos de aumento. (WOOLF, 1985, p.48)

Silva traz um pensamento fundamental de Parker (1991) ao reconhecer que as atividades do homem eram dirigidas para o mundo social mais amplo da economia, política e interações sociais, além do âmbito da família, enquanto as de sua mulher eram rigidamente restringidas, limitavam-se ao mundo doméstico da própria família (apud SILVA, 2000, n.p).

As ideias trazidas por Parker se tornam mais compreensíveis quando nos aprofundamos na definição e construção do conceito de patriarcado em nossa sociedade. Maria Helena Fávero em seu livro “Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações (2010)” utiliza das análises de Simone de Beauvoir (1976), que retoma os dados da pré-história e da etnografia, para compreender como se construiu esse modo de pensar e como a hierarquia dos sexos se estabeleceu.

O que se torna interessante na análise de Beauvoir, segundo Fávero, é a comparação que ela estabelece entre o cotidiano da mulher nos primeiros tempos da espécie humana e sua relação com a maternidade e a particularidade do cotidiano do homem. A situação da mulher implica a noção de que parir e amamentar não são entendidas como atividades, uma vez que se trata de funções naturais às quais não há projeto associado algum. Há, portanto, na tese da autora, a ideia de uma submissão passiva dessa mulher pré-histórica àquilo que ela chama de “seu destino biológico”. E ainda complementa:

Os trabalhos domésticos aos quais ela se dedica, porque são possíveis de conciliar com as tarefas da maternidade, limitam-na a um tipo de atividade baseada na repetição, que se perpetua sob uma forma idêntica, quase sem mudança, de século a século, não produzindo nada de novo. (BEAUVOIR apud FÁVERO, 2010, p.49)

Já a existência cotidiana do homem é radicalmente diferente e o oposto daquela nutrida pela mulher. Ele estimula a coletividade por meio de atos que transcendem sua condição animal. Segundo Fávero (2010), o *homo faber*² é, desde a origem dos tempos, um inventor. É assim que ele utiliza a vara para encompridar seu braço e alcançar as frutas ou afugentar os animais: trata-se de um instrumento por meio do qual ele aumenta o raio de sua ação no mundo. Beauvoir enfatiza esse pensamento quando diz:

A diferença, portanto, é que esse homem desenvolve ações por meio das quais

² O homem artífice. Locução empregada por Henri Bergson para designar o homem primitivo ante a necessidade de forjar ele próprio os utensílios indispensáveis à manutenção da vida.

ele prova seu poder, ele estabelece fins, ele projeta caminhos para alcançá-los. Em suma, ele se realiza como ser existente: “para manter, ele cria, ultrapassa o presente, ele abre o futuro. Por isso, as expedições de pesca e de caça têm um caráter sagrado. Suas conquistas são festejadas; o homem reconhece a sua humanidade nele próprio. (BEAUVOIR apud FÁVERO, 2010, p.49)

E esse reconhecimento pode ser visto e analisado até nos dias atuais. Enquanto algumas mulheres ainda são submissas ao pensamento do lar, maternidade e servidão, o homem é incentivado a desenvolver coisas grandiosas, e até mesmo perigosas, como uma barragem, uma ponte, ou até mesmo uma bomba para reafirmar o seu poder no mundo.

Então, na análise de Beauvoir, não é dando a vida, mas arriscando a sua vida que o homem se coloca acima do animal. Assim, uma vez que o projeto do homem não é o de se repetir no tempo, mas o de reinar no momento e forjar o futuro por meio de sua atividade, ele cria valores, constituindo a própria existência como valor, de modo que, essa existência valorizada, submete a Natureza e a Mulher. (FÁVERO, 2010, p. 50).

Portanto, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso, nem o resultado de uma revolução violenta: desde a origem da humanidade, seu privilégio biológico permitiu aos homens se afirmarem como sujeitos soberanos (BEAUVOIR apud FÁVERO, 2010). Assim, nas relações de poder instituídas entre homens e mulheres, tanto as atividades quanto as práticas no mundo social são classificadas de acordo com a oposição entre masculino e feminino. É justamente essa dicotomia, em suas diversas esferas, que molda e constrói o mundo em que vivemos hoje.

Esse conceito de dicotomia é reafirmado por Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina* (2012), quando ele diz que a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras), segundo a oposição entre o masculino e o feminino, recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas – alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo, seco/úmido, duro/mole, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado) – que sendo parecidos na diferença, são suficientemente concordantes para se sustentarem mutuamente, no jogo e pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas e também suficientemente divergentes para conferir, a cada uma, uma espécie de espessura semântica. (BOURDIEU, 2012, p.16).

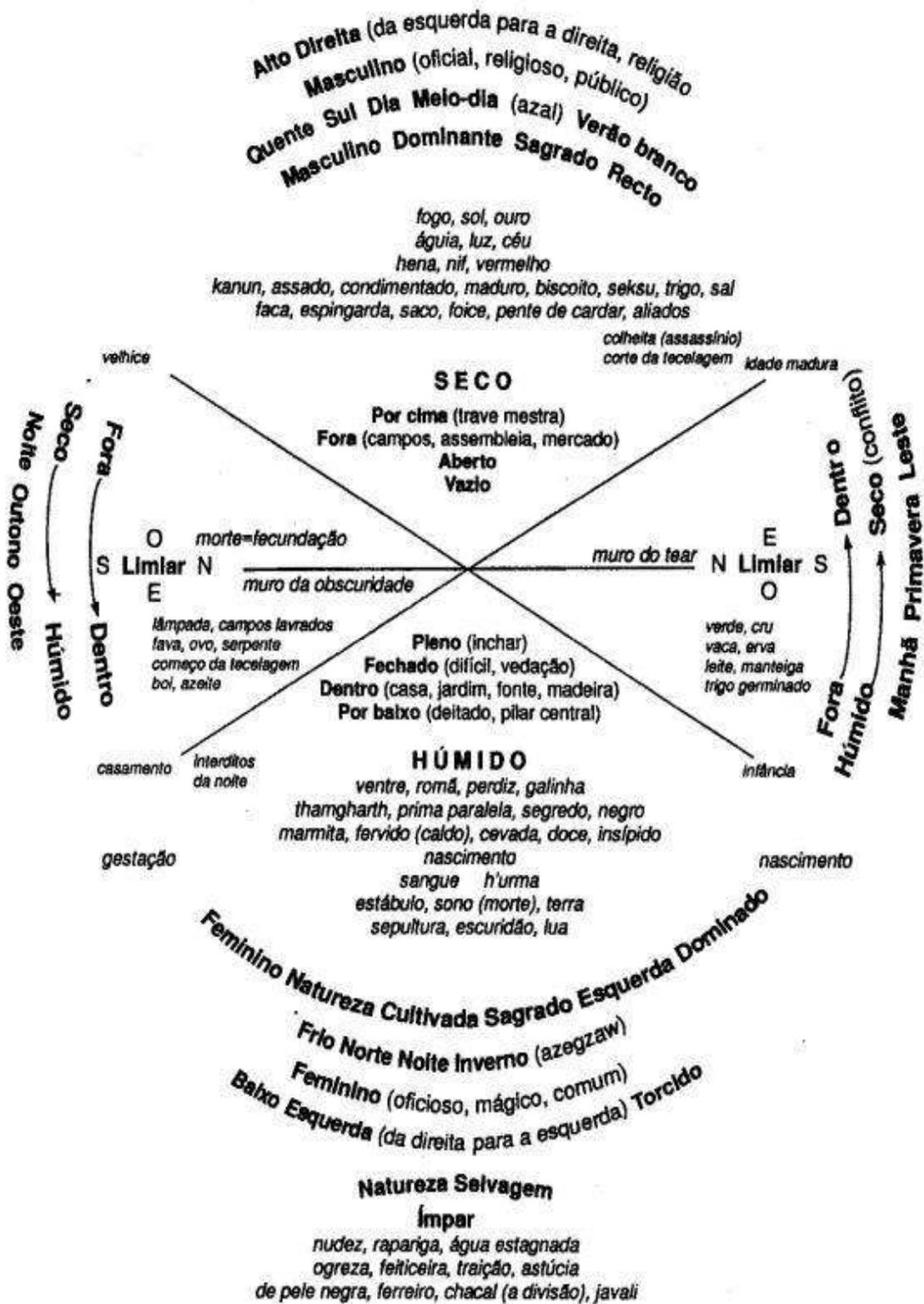
Esse conceito de “jogo inesgotável das transferências e das metáforas”, Bourdieu chama de violência simbólica. Através desse jogo, o corpo também é percebido por meio do sistema de oposições, as quais o autor chama de grandes oposições culturais. Então, acrescenta Fávero, a análise de Bourdieu (1990) trata-se, em suma, de um exemplo do processo de mediação semiótica:

sendo mantidas, segundo uma taxonomia oficial, do lado de dentro, isto é, do úmido, do baixo, do curvo, do contínuo, as mulheres se veem atribuídas de trabalhos domésticos, privados e escondidos – e, muitas vezes, invisíveis, tais como o cuidado das crianças e dos animais – e uma parte dos trabalhos externos mais simples. Quanto aos homens, situados do lado externo, do oficial, do público, do direito, do alto, do descontínuo, arrogam-se os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares que, como a matança do boi, a colheita e a guerra, marcam as rupturas no curso cotidiano da vida e fazem intervir os instrumentos fabricados no fogo. (FÁVERO, 2010, p.51).

Portanto, essas dicotomias estão na base do dualismo que opõe homem e mulher. Como em toda relação de oposição, o dominante é não-marcado, pois é visto como original, enquanto o não-dominante é marcado, por ser o estranho, o que foge dos limites preestabelecidos. Isso é percebido no gênero, por essa dominação fazer com que pensemos socialmente que as características masculinas são naturalmente acima ou mais fortes que as femininas, como se o feminino dependesse, em sua existência, do masculino.

Não precisamos ir muito longe, esse pensamento está impregnado em diversos aspectos da nossa sociocultura, principalmente na nossa linguagem do dia a dia, quando dizemos que “mulher é assim mesmo, chora à toa”, que “a mulher tem um sexto sentido” e que “o homem é melhor em matemática”, que “futebol não é coisa de mulher” e muitas outras falas estereotipadas no nosso cotidiano. Esse conjunto de construções sociais é realizado através da oposição entre o masculino e o feminino, criando uma normalidade ou uma representação tratada como natural. Bourdieu (2012) ilustra esse pensamento através de um esquema:

Figura 1 - Esquema sinóptico das oposições pertinentes



Ao observarmos a imagem acima percebemos, então, que as características dadas primeiramente ao masculino não exigem justificativas socio-discursivas, ou seja, são assim por natureza, porque “sempre foi assim”. Da mesma forma, o feminino é trazido naturalmente como oposição ao masculino, demonstrando uma certa dependência de sua existência, ou melhor dizendo, é um ser considerado dominado, enquanto o masculino é o dominador.

Agora, conseguimos entender minimamente como ocorreu a construção das duas categorias entendidas como significativamente diferentes – homem e mulher – por meio das quais se organizam as relações sociais de desigualdades que vemos até nos dias atuais. Nesse modelo de pensamento, objetos e atividades são impostos para o sexo designado fêmea/macho ao nascer, apenas levando em consideração o fator biológico. Dessa forma, por ser considerada desde os primórdios um ser inferior, mais fraco e mais “feminina”, a mulher foi limitada, consciente e inconscientemente, de atividades externas direcionadas apenas ao sexo masculino. Portanto, ao praticar atividades “de menino”, ela se recoloca no mundo como um indivíduo que vai além das oposições ao seu sexo oposto.

Assim, ao praticar futebol, por exemplo, a mulher começa a ter os seus comportamentos e, principalmente, o seu corpo sendo visto de outra forma pela sociedade. Por isso, ao longo do próximo subcapítulo, iremos buscar entender como a performance de uma não feminilidade ou masculinidade influencia em como a sociedade irá julgar o seu corpo, a sua vida social e os seus desejos, além de compreender como a construção de gênero limita e impõe práticas corporais específicas para homens e mulheres.

2.2 Corpo, performance e limitações gendradas

Ao discorrermos sobre a construção do feminino e masculino em nossa sociocultura, conseguimos compreender como a construção de gênero determina o que é aceitável para homens e mulheres e faz referência a significados particulares para cada um dos sexos. Como abordado por Fávero, os gêneros são inscritos no corpo, esse mesmo corpo que é ao mesmo tempo de natureza biológica, mas perpassado de significados socioculturais e cuja construção não pode ser tomada como pronta e acabada, uma vez que tais representações ou significados partilhados são próprios de instituições sociais particulares. (FÁVERO, 2011, p. 214).

Assim, como vimos anteriormente, existe uma ideia socialmente construída de que homens e mulheres possuem naturezas diferentes e já pré-determinadas nos seus próprios corpos, o que se refletirá também nas abordagens clássicas sobre a sexualidade. O conceito de disformismo sexual trazido por Laqueur (2001) fundamenta não somente a ideia de um corpo

particular para a mulher, mas também perpassa sua suposta inferioridade natural - seja biológica ou patológica.

Portanto, ao analisarmos novamente o esquema sinóptico das oposições pertinentes trazido por Bourdieu, enxergamos como o ser feminino foi construído ao longo da história - como sendo uma oposição do ser masculino. Dessa forma, o que é masculino acaba tendo mais importância em virtude de seus símbolos, como coloca o autor, estarem de tal forma construídos nas estruturas do inconsciente, que aparecem como condições “naturais” de supremacia e superioridade, e não como formações históricas e sociais, forjadas no interior de sociedades dominadas, pensadas e orquestradas pelos homens (BOURDIEU, 2012).

Judith Butler (2018), ao desconstruir o conceito de gênero no qual está baseada toda a teoria feminista, aborda um tema interessante e fundamental para este projeto. Ao se opor ao pensamento de que o sexo (macho ou fêmea) seria natural e o gênero (homem e mulher) sociocultural, Butler afirma que, tanto a sexualidade quanto o gênero surgem de conjuntos de ações performativas, ou seja, são práticas performativas que produzem significados culturais.

Como não existe uma “essência” que o gênero expresse ou externalize nem um objetivo ideal ao qual aspire; como o gênero não é um fato, os vários atos de gênero criam a ideia de gênero; sem esses atos, não haveria gênero. O gênero, portanto, é uma construção que oculta regularmente a sua própria gênese. O consentimento tácito coletivo quanto a representar, produzir e sustentar gêneros polarizados e distintos como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade concedida a sua própria produção. (BUTLER, 2018, p.06)

Então, para a autora, gênero seria um processo contextual e contingencial, ou seja, no lugar de gênero vinculado ao sujeito, Butler indica o gênero como o efeito de certas relações sociais, políticas, históricas, culturais e até mesmo uma relação de poder ao produzir identidades. Portanto, segundo a autora, os seres humanos, seja enquanto grupo ou indivíduos, são elaborados e modificados de acordo com a construção/transformação social da própria linguagem e dos elementos sociais que os compõem. Seria, então, um processo dialético (BUTLER, 2018).

Neste ponto, como já mencionado acima, Butler reafirma que as identidades e os sujeitos são fundamentalmente performativos, ou seja, torna-se necessário se atentar também para os atos concretos que lhes dizem respeito, não somente sexuais, mas corporais de modo geral. Fávero também enfatiza esse pensamento ao discorrer sobre as práticas gendradas e o ato de praticar o gênero:

É essencial que se tenha em mente a abordagem que considera o intercâmbio dinâmico entre as práticas de gênero e o ato de praticar o gênero. Para distinguí-las, nos referimos às *práticas gendradas*, que constituem o repertório de ações que envolvem a fala, o corpo e a interpretação, repertório esse que a sociedade torna disponível a seus membros para o ato de *praticar o gênero*. (FÁVERO, 2010, p.205, grifos nossos)

Assim, o gênero é constituído por uma série de "atos" repetitivos ao longo do tempo. A identidade de gênero é instituída através da repetição de atos performativos e o gênero é formado pela estilização do corpo, ou seja, você teatraliza, por gestos corporais, falas, movimentos, os papéis e as encenações, dando a sensação de um gênero estabelecido, que está em constante transformação.

Em outras palavras, para àquilo que é biologicamente determinado, isto é, o sexo dos indivíduos, são atribuídos diferentes significados que fundamentam o que deve ser adequado e inadequado para cada um, definindo e lhes atribuindo diferentes papéis. Portanto, em nossa sociocultura, o corpo é visto como a marca de uma identidade pessoal ou de um grupo. Por meio dele, inscrevemos marcas corporais que produzem identificação e somos identificados por ela. Dessa forma, treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente.

Nos aprofundando no conceito de símbolos, gestos e linguagem, Fávero se refere a Mead, filósofo americano considerado um dos grandes pensadores do século XX, cuja tese aborda como a mente emerge no curso da interação com os outros, de modo que a consciência do homem sobre si mesmo é desenvolvida na experiência social (apud FÁVERO, 2010, p.25). Para ele, antes que o pensamento de qualquer ser humano apareça, a ação entre dois indivíduos já fornece uma base para a construção do pensamento simbólico, de modo que esse pensamento seria uma interiorização da conversação por gestos.

Assim, Fávero reafirma que “esses gestos interiorizados são símbolos significativos porque eles têm o mesmo significado para todos os indivíduos de uma dada sociedade, de modo que eles desencadeiam as mesmas atitudes tanto naqueles que deles se utilizam quanto naqueles que a eles reagem” (FÁVERO, 2010, p. 26).

Dessa forma, como também aponta Guacira Louro em “O corpo educado: pedagogias da sexualidade” (2001), inscrevemos marcas corporais que produzem identificação (e diferenciação), ou seja, o corpo passa a servir como um lugar de referência da identidade. Em função disso, esperamos que sua evidência ‘mostre’ ou ‘divulgue’ a identidade. A autora acrescenta que essas marcas inscritas no corpo se dão através de diversos processos, como

cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, e que, a partir disso, treinamos nossos sentidos para perceber essas marcas e aprendemos a classificar os seres humanos pelas formas como se apresentam corporalmente (LOURO, 2001).

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. (LOURO, 2001, p.17)

Portanto, os conceitos que representam e contextualizam as significações de ser homem ou mulher variam histórico-socialmente de acordo com cada cultura, sendo ela um campo de luta em torno do direito da significação. Para Louro, os “corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2001, p.16). Dessa forma, as práticas corporais - criadas por homens e mulheres - foram produzidas pela/na cultura. Toda a sua expressão, significados e modos de ser (e de não ser) são pautados a partir da percepção desses corpos pela sociedade.

Conforme Stuart Hall (1997), o conceito de cultura compreende “que os significados são subjetivamente válidos e, ao mesmo tempo, estão objetivamente presentes no mundo contemporâneo – em nossas ações, instituições, rituais e práticas” (HALL, 1997, p. 24). Assim, o diferenciador da “ação social” – se comparada à programação genética, biológica ou instintiva – é que ela requer e é relevante para o significado. Ou seja, como já foi apresentado anteriormente em um conceito trazido por Mead, os seres humanos são seres interpretativos e interativos, justamente porque essa “ação social”, seja formada por gestos ou palavras, tem significado tanto para aqueles que praticam quanto para aqueles que observam. Hall enfatiza esse pensamento quando diz que,

Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, p. 16)

Portanto, ao olharmos para as identidades dos indivíduos, compreendemos que elas não são construídas propriamente pelo “eu interior” de cada um, mas sim pelo diálogo entre as

representações dos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente e inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns desses discursos. Portanto, as identidades são construídas no interior da representação, através e pela cultura (HALL, 1997).

Neste sentido, Butler considera que “gênero não é de modo algum uma identidade estável ou um local de ação, do qual provêm vários atos; é antes uma identidade tenuemente constituída no tempo – por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2018, p.03). Dessa forma, a partir do descobrimento do sexo do bebê, a nossa cultura impõe práticas entendidas como femininas ou masculinas, excluindo quem não se enquadra nesses comportamentos. Esse conjunto de práticas, que chamamos aqui de performance, começa a ser construída desde que o feto está na barriga da mãe, com a escolha da cor para o quarto remetendo ao sexo masculino ou feminino, na compra de brinquedos, roupas e outros aspectos que impactam diretamente na construção do homem ou da mulher.

A mesma coisa acontece no universo do futebol. Ao praticar o esporte, atividade nascida e considerada exclusiva para o gênero masculino durante anos, as mulheres fogem do estereótipo corporal e gestual de feminilidade mencionado anteriormente. Isso porque, em nossa cultura ocidental, o futebol é marcado pelo universo masculino, ou seja, é significado como uma prática corporal eminentemente masculina nos contextos sociais. Para muitos, o movimento de ser ágil e ter força, por exemplo, é considerado ‘essencialmente’ masculino. A força corporal, a velocidade e até mesmo o ato de xingar são padrões de movimentos promovidos por discursos que definem o que vem a ser um corpo masculinizado. Daí surge a importância de entender as relações entre corpo, gênero e futebol.

O ato de “jogar bola”, por exemplo, é marcado por características como rapidez, agilidade, força bruta, roupas largas e machucados por diferentes partes do corpo. Essas inscrições anunciam padrões masculinos concebidos no nosso tempo, o que vem de encontro às representações que constroem o sujeito feminino. Butler enfatiza que a estrutura de gênero é claramente punitivista, onde “quem não efetua a sua distinção de gênero de modo adequado é regularmente punido” (BUTLER, 2018, p.06).

Por praticarem um esporte historicamente desenvolvido para o gênero masculino, as mulheres vão em desencontro ao estereótipo de feminilidade imposto para o seu próprio corpo. Através dele, performam e transparecem gestos e atitudes contrárias e que não são pré-determinadas ao seu gênero, como a brutalidade e agressividade. O esporte, em um contexto geral, muitas vezes traduz e representa sentimentos e anseios profundos no ser humano. A vontade de vitória, a “garra” necessária no campo esportivo, a briga pelo espaço, a destruição simbólica

do adversário, tudo isso frequentemente requer uma ação mais brusca do atleta, qualquer que seja seu gênero.

Entretanto, quando pensamos nessas atitudes no futebol praticado por mulheres, é comum que, em face de determinadas jogadas mais brutas, as piadas estigmatizantes e as insinuações preconceituosas rapidamente apareçam – como se a agressividade fosse uma exclusividade masculina. Louro (2008) ainda acrescenta que:

A diferença não preexiste nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a outro que é tomado como referência. (LOURO, 2008, p.22)

É por isso que, em nossa cultura, durante muito tempo, quando pensávamos em futebol, dificilmente imaginávamos uma mulher inserida nesse meio – justamente por ser um esporte nascido e construído exclusivamente para o gênero masculino. Por serem consideradas “o outro”, as mulheres não têm nenhum estímulo na infância para praticarem o esporte – ao contrário dos homens. O futebol na infância já aparece como elemento masculino, a menina precisa estar entre os meninos para ter a oportunidade de jogar bola e, na maioria das vezes, o ato é reprimido pelos pais ou parentes mais próximos. Knijnik e Vasconcellos (2003) reforçam este ponto ao trazerem uma afirmação de Dio Bleichmar (1988), onde a autora explica que, já na segunda infância, ocorre uma grande regulamentação social das atividades infantis, sendo que o desempenho nestas definem, por muitas das vezes, o próprio “papel de gênero da criança: balé-futebol, para tomar um paradigma” (apud KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003, p. 08).

Paradigma este que é sempre reforçado pelos socializadores infantis, sejam pais, professores, familiares, entre outros, os quais delimitam os campos de atuação, são modelos de identificação, orientam e escolhem atividades para as crianças (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003). Como já foi abordado anteriormente, a construção do gênero se dá através de aprendizagens e práticas empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. Esses atos performativos, construtores e reafirmadores do gênero, são orientados e ensinados durante toda a vida por instituições como a família, escola, igreja e o Estado.

Na visão de Butler, a construção de gênero é feita em conformidade com um modelo de verdade e falsidade que não só contradiz a sua própria fluidez performativa, mas serve a uma política social de regulação e controle do gênero. Performar o gênero de modo inadequado desencadeia uma série de punições, ao mesmo tempo, óbvias e indiretas, e performá-lo bem proporciona uma sensação de garantia de que existe, afinal de contas, um essencialismo na

identidade de gênero (BUTLER, 2018, p.13). Entretanto, o ato de performar o gênero é punitivista e limitador, tanto para homens e mulheres, e desencadeia uma série de estereótipos performativos impostos para cada um dos gêneros.

Um acontecimento interessante para o tema deste projeto ocorreu em junho deste ano. Um lutador inglês de UFC chamado Paddy Pimblett – cotado para ser o próximo astro do MMA – reproduziu um discurso emocionante após obter vitória em um evento realizado em Londres. Em sua fala, Paddy homenageia seu amigo que havia cometido suicídio recentemente e desabafa sobre o estigma comportamental imposto para os homens.

Existe um estigma neste mundo de que os homens não podem reclamar. Escuta aqui, se você é um homem, e está carregando muito peso nos ombros, e você acha que a única solução é tirar sua própria vida, por favor, fale com alguém. Fale com qualquer um. Eu preferia que o meu amigo estivesse chorando em meus ombros do que ir em seu funeral na semana que vem. Então, por favor, vamos parar com esse estigma e, homens, comecem a falar (PIMBLETT, 2022, tradução nossa)³.

O discurso do lutador é extremamente necessário e consolida perfeitamente o que temos abordado e enfatizado durante este trabalho: a construção do gênero e a sua função performativa é profundamente problemática e punitivista – com aqueles que performam a masculinidade ou feminilidade de forma “inadequada” e, curiosamente, também com aqueles que reproduzem veemente o estigma comportamental de ser homem ou mulher.

Portanto, a consolidação do gênero em nossa cultura ocidental afeta diretamente os corpos, a vida social, a mente e os desejos de homens e mulheres, além de limitar e impor práticas corporais para cada um dos gêneros – sendo o objeto de estudo deste projeto o futebol praticado por mulheres. O futebol, construído no nosso imaginário cultural como um reforço do que hegemonicamente é entendido como “a” masculinidade, sempre foi um esporte limitante para o gênero feminino – justamente por ser considerado um “ambiente masculino” e da performance de não feminilidades.

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jtW0byC28_s. Acesso em: 10/10/2022

3 MULHER MACHO? A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO

“Se me encontravam em algum campinho, eu tinha que correr para casa e me esconder atrás da minha mãe para não apanhar.”⁴

Marta

Assim como a Marta⁵, jogadora de futebol eleita seis vezes a melhor do mundo, muitas mulheres praticantes do esporte não têm o apoio e estímulo necessários para jogarem futebol – principalmente na infância, ao contrário dos meninos. Isso porque, como já mencionado anteriormente, existe um estigma e uma performance determinada para cada um dos gêneros que afeta diretamente os seus gostos, vontades e personalidade, além de impor certas atividades corporais para cada um deles.

A história das mulheres no universo cultural do futebol é marcada por preconceitos, rupturas, proibições, recuos e avanços. Se desprender do estigma da beleza, fragilidade e feminilidade padrão é um processo contínuo que as amantes do esporte precisam fazer diariamente. Neste capítulo, buscaremos entender como aconteceu a inserção da mulher no futebol e os impactos do preconceito de gênero na ascensão do esporte, além de refletir sobre como elas têm a sua sexualidade e feminilidade questionadas apenas por jogarem futebol.

3.1 As mulheres no esporte

A inserção das mulheres no esporte, de forma geral, aconteceu de maneira gradativa e lenta – visando muito mais um corpo e saúde ideal para procriação do que propriamente o amor pela atividade física. Segundo Victor Andrade de Melo, em seu livro “História do esporte no Brasil” (2009), as mulheres brasileiras entraram no universo das práticas corporais e esportivas em meados do século XIX, mas a sua participação se ampliou e consolidou somente a partir do século XX.

Por mais que nesta época o esporte fosse considerado uma atividade de caráter aristocrático, familiar e saudável, era praticado, predominantemente, por homens, cabendo às mulheres uma participação mais branda, voltada para a assistência aos certames e às exibições

⁴ Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/marta-vieira-da-silva/>. Acesso em: 10/12/2022.

⁵ Eleita a melhor jogadora do mundo pela FIFA nos anos 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018. Atualmente, joga pelo Orlando Pride, dos Estados Unidos.

(ANDRADE DE MELO, 2009). Foi somente com a propagação dos ideais higienistas, ao proclamarem como os exercícios físicos eram benéficos para as mulheres, no sentido de proporcionar melhores condições para enfrentar a maternidade e de embelezamento, que a presença feminina começa a ser bem-vista em alguns esportes.

Esportes esses que deveriam colocar em evidência atitudes e hábitos pertinentes a um modo moderno e civilizado de ser, como o turfe, o remo, a natação, a esgrima, o arco e flecha, o ciclismo e o tênis – este porque, como afirmou Andrade de Melo, era “identificado com a elegância das elites europeias e porque era possível de ser jogado com graça e sem tirar da mulher seu encanto e sua feminilidade” (ANDRADE DE MELO, 2009, p.274). E ainda complementa:

Com isso, pode-se afirmar que o esporte, nos primeiros anos do século XX, deve ser analisado como um importante espaço de exercícios de sociabilidade das mulheres e entre mulheres, um espaço que tornou visível a sua presença não apenas como espectadora ou coparticipe de uma aparição, mas, fundamentalmente, como sua principal protagonista. Ainda que o discurso da maternidade sadia e do aprimoramento da raça fosse marcadamente produzido e reproduzido, não foi apenas em seu favor que o esporte era sugerido para as mulheres: ele sinalizava novos tempos diante dos quais o arcaico confinamento das mulheres no interior do espaço privado simbolizava falta de cultura e de civilização. (ANDRADE DE MELO, 2009, p.277)

Então, a inserção do sexo feminino no esporte foi marcada, pelo que afirma Andrade de Melo, como a criação de uma “nova mulher”. Isso porque, ao mesmo tempo que não ia de encontro com a representação da mulher voltada para a família, fragilidade, recato e honra, apresentava outras experiências que não apenas aquelas valorizadas como integrantes de sua “natureza” – como a juventude, beleza, ousadia, atitude, saúde, dedicação e desnudamento do corpo, virtudes conquistadas a partir de sua participação em diferentes espaços sociais, entre eles, aqueles que se realizavam as atividades físicas e esportivas.

Como já dito anteriormente, a chegada das mulheres no esporte foi um processo lento e gradativo. Uma das formas encontradas de ampliar a aparição do sexo feminino na prática de esportes foi com a organização de competições direcionadas, exclusivamente, para atletas mulheres – com atividades que não exigissem tanta força física ou colocassem em dúvida a sua “feminilidade”. Entretanto, outras competições esportivas também tinham como participantes atletas mulheres, mesmo as modalidades pouco convencionais à sua presença, como as corridas de longa distância, as lutas e o futebol (ANDRADE DE MELO, 2009).

Ainda segundo o autor, essa variedade de modalidades, no entanto, não foi bem recebida, é claro, pela sociedade brasileira, principalmente por aqueles que estavam à frente da gestão do esporte – justamente porque especialistas pregavam que tais exercícios poderiam colocar em risco a integridade das mulheres. Com base em características biológicas e diferenças entre os corpos feminino e masculino, eles justificavam que a realização de atividades físicas mais agressivas poderia afetar o funcionamento de seus órgãos genitais e, conseqüentemente, atrapalhar sua função materna. Diante das controvérsias que envolviam a participação das mulheres em uma ampla quantidade de práticas esportivas, este problema acabou desencadeando em uma legislação que limitou sua participação em algumas modalidades consideradas como “violentas demais para a sua natureza” (ANDRADE DE MELO, 2009, p. 278).

No artigo de Fábio Franzini (2005) sobre a história das mulheres no país do futebol, vemos que, em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND) instituiu o Decreto-lei n. 3.199, que afirmava em seu artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (apud FRANZINI, 2005, n.p). Esse decreto, que se manteve vigente por três décadas, não se limitou apenas ao futebol. De acordo com o autor, as mulheres também foram interditadas em outras modalidades do país, como o rugby, o polo, o polo aquático, as corridas de fundo e as lutas – classificadas como violentas e não adaptáveis ao sexo feminino.

Durante três décadas, essa resolução se manteve válida no Brasil, o que acarretou sérias conseqüências para o desenvolvimento do esporte feminino no país – principalmente quando falamos sobre o futebol. Franzini aborda uma questão fundamental para este projeto quando afirma que:

É notório que o universo do futebol se caracteriza por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da 'ordem', ou da 'lógica', que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas. (FRANZINI, 2005, n.p)

Portanto, o grande problema de mulheres “jogarem bola” não dizia respeito ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem o espaço dos homens (FRANZINI, 2005). Funções estas que, como já vimos anteriormente, são pré-estabelecidas assim que o sexo do bebê é descoberto e se intensifica a partir do seu nascimento, com performances e estigmas pré-determinados para cada gênero.

Silvana Vilogre Goellner (2007), em seus estudos sobre feminismo e mulheres no esporte, enfatiza que os gestos, as musculaturas, as roupas, os acessórios, os suplementos alimentares no esporte também carregam consigo significados que, na nossa sociedade e na nossa cultura, estão associados ao feminino e ao masculino. Esses estigmas produzem efeitos e são utilizados para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas. A autora ainda faz uma comparação interessante sobre o que se espera de cada gênero quando diz que:

Se é a conformação anatômica dos sujeitos aquilo que os define, dentro dessa perspectiva, nada mais “natural” que recomendar aos homens e mulheres diferentes possibilidades de movimentação. A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”. (GOELLNER, 2007, p. 184)

A partir disso, conseguimos compreender o porquê, em algum momento da nossa história, de as mulheres terem sido proibidas de praticar esportes que, segundo a nossa cultura, não condiz com a sua “natureza feminina”. Entretanto, vale ressaltar que, apesar de tais restrições, muitas mulheres não deixaram de praticar as modalidades contraindicadas para o seu sexo. As práticas esportivas, desde o início do século XX, seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram à sua prática independente do discurso da interdição que persistiu, oficialmente, até meados dos anos 1970 (ANDRADE DE MELO, 2009, p. 280).

3.2 O futebol feminino no Brasil: da proibição ao início da prática

Contar a história do futebol feminino perpassa diversos momentos que vão muito além de gols, vitórias, derrotas, lances marcantes e personagens históricas. É falar sobre resistência,

perseverança, luta e barreiras quebradas – completamente diferente da história do futebol masculino. O protagonismo das mulheres no futebol é um tema que ainda merece grande investimento em termos de pesquisa, produção de fontes e visibilidade.

A presença das mulheres nas mais diferentes ocupações e manifestações do futebol resulta de sua insistência em permanecer em um espaço que não é representado, incentivado e reconhecido como seu. Desde que o futebol foi criado, as mulheres em diferentes tempos e contextos sociais precisaram disputar poderes para nele adentrar, e ao fazê-lo desconstruíram representações que, assentadas na biologia do corpo e do sexo, justificavam o caráter exótico, espetacular e impróprio atribuído a sua prática (GOELLNER, 2021).

Antes de entendermos o momento em que as mulheres brasileiras iniciaram sua participação direta nos campos, vale alargarmos a nossa visão e atravessarmos fronteiras. De acordo com Eliberto José Lessa de Moura (2003), baseado em dados da *Fédération Internationale de Football Association (FIFA)*, os primeiros jogos entre mulheres surgiram na Inglaterra, em 1880, quando Nettle Honeyball, uma ativista feminista, organizou uma partida. No entanto, Moura relata que no livro de Bill Murray (2000), surge a afirmação de que em 1895, em Crouch End, Londres, Nettie (e não Nettle, como aparece nos arquivos da FIFA) Honeyball organizou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra, atraindo oito mil espectadores. Com essa divergência de datas, compreendemos que ainda não se pode afirmar o momento exato em que as mulheres participaram de um jogo de futebol. Além dessas datas mencionadas, em 1898, ocorreu uma partida oficial entre as Seleções da Inglaterra e da Escócia. A partir disso, a paixão futebolística começou a tomar conta das mulheres e, com isso, segundo Murray, em 1902 houve a primeira retaliação da Federação Amadora Inglesa (FA), banindo tal esporte do público feminino (apud MOURA, 2003, p.08).

Já no Brasil, apesar da escassez de registros que indiquem o exato momento em que as mulheres começaram a participar do esporte, o que se sabe é que, na década de 1990, o historiador José Sebastião Witter afirma, em nota de rodapé ao texto de sua *Breve História do Futebol Brasileiro*, que “no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e Tremembé, de São Paulo” (apud FRANZINI, 2005, n.p). Entretanto, segundo Moura, em alguns jornais da época esses dados não representam tanta veracidade.

O jornal Correio Paulistano, por exemplo, mostra que, na verdade, o evento era de caráter beneficente, visando a construção de um hospital para crianças pobres pela Cruz Vermelha. O autor afirma que Witter estava correto em relação à data, mas os times que

disputaram a partida seriam diferentes. O texto do periódico, publicado no dia 25 de janeiro de 1913, evidenciava o acontecimento da seguinte forma:

Realiza-se hoje, no Velódromo Paulista, uma atraente festa esportiva, em benefício do hospital das crianças da Cruz Vermelha. Foi organizado um interessante match de foot-ball, no qual os rapazes do Sport Club Americano preparam magníficas surpresas. Esse match será jogado entre um team de senhoritas e outro de rapazes. A iniciativa coube à senhorita Catharina Bertoni, que infelizmente não poderá tomar parte no grande 'match', visto ter sido victima de um acidente, num dos últimos trainings. (apud MOURA, 2003, p.9)

Da mesma forma, outro jornal paulista, o Diário Popular, publicou no mesmo dia uma nota sobre tal partida em sua primeira página. Entretanto, o conteúdo da notícia diferia do primeiro periódico. Agora, o questionamento seria se, na verdade, a partida de futebol não teria somente a participação das mulheres. O comentário do jornal dizia:

Em benefício do Hospital das crianças da Cruz Vermelha, será jogado amanhã, no Velódromo, um 'match' de 'foot-ball' á phantasia entre um 'team' de senhoritas contra o Sport Club Americano. Como é um 'match' em benefício de uma instituição tão útil, é de se esperar que não haverá nenhum Jogar vago no Velódromo. (apud MOURA, 2003, p.9)

Por certo, a primeira participação feminina nas partidas de futebol no Brasil ainda é um tema que intriga diversos pesquisadores, justamente por não saber ao certo a data específica. O que sabemos, segundo Aira Fernandes Bonfim (2019), é que as décadas iniciais do século XX marcaram a difusão de esportes, como o futebol, em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte, locais que contaram com um significativo crescimento e urbanização nessa época.

Nos anos de 1920 e 1930, época em que surgiram as atrações circenses intituladas “Football Feminino” nos jornais da época, o futebol praticado por mulheres foi repetidamente encontrado em diferentes companhias de circos do Brasil. De acordo com Bonfim, era um jogo performado, ou mesmo jogado, por atrizes de grandes e conhecidas companhias de circo como Irmãos Queirolo, Nerino e Irmãos Garcia. Trouxemos aqui uma imagem interessante que comprova o futebol apresentado pela família Queirolo. Na fotografia abaixo, publicada pela revista A Cigarra, de 1926, vemos um time de jogadoras desse circo, trajadas com uniformes atribuídos às equipes do Palestra Itália e A.A. São Bento.

Figura 2: Fotografia das equipes femininas Palestra vs São Bento



Fonte: (BONFIM, 2019, p. 90)

É então na década de 1930, mais especificamente no final dela, que passam a ocorrer com frequência partidas de futebol de mulheres. Essas partidas aconteciam nos subúrbios do Rio de Janeiro, em regiões extremamente distantes do centro, em bairros como Engenho de Dentro e Realengo – sendo disputadas por mulheres das camadas sociais marginalizadas nos clubes amadores da cidade, que se localizavam nessa área. A concentração de notícias sobre esse futebol localizou-se nos anos de 1939 a 1941, época em que esses times se deslocaram do subúrbio do Rio de Janeiro para o foco da atenção e interesse público no mais novo estádio inaugurado na cidade de São Paulo, o Pacaembu, como preliminar de uma disputa dos times masculinos de Flamengo e São Paulo (BONFIM, 2019).

É justamente nesse momento, como aponta Goellner (2021), que o protagonismo das jogadoras começou a provocar reações adversas. A apropriação do espaço público, tido como de domínio dos homens, e a decisão sobre os usos de seus corpos, entendida como uma ameaça

à condução de uma maternidade sadia, desestabilizavam representações de gênero e, em última instância, relações de poder (GOELLNER, 2021, p. 02). Dessa forma, argumentos como esses incentivaram a proibição do futebol e de outras modalidades esportivas praticada por mulheres por aproximadamente quatro décadas, como já vimos anteriormente.

Entretanto, algumas futebolistas da época, atentas ao conservadorismo que imperava, reagiram a esses argumentos e pensamentos misóginos registrando sua resistência e insurgência. Uma delas foi Margarida Pereira, mais conhecida como a Adyragram, zagueira, capitã e presidente do Sport Club Brasileiro (1940), uma equipe do Rio de Janeiro. O comunicado, em resposta à carta de José Fuzeira⁶ ao presidente Getúlio Vargas (1930-45), dizia:

O Senhor José Fuzeira deveria assistir à prática de futebol feminino, para verificar quão salutar é esse esporte e os benefícios que o mesmo presta às suas praticantes. É verdade que o futebol, como outros esportes, não pode ser praticado por todos, principalmente por aqueles que têm aversão à educação física e que só fazem ginástica pelo rádio, receosos de se apresentarem em público, graças às deficiências orgânicas com que a natureza os brindou. (apud GOELLNER, 2021, p. 03)

Vale ressaltar que, assim como Adyragram, muitas mulheres também resistiram e, de sua maneira, impediram que a prática do futebol feminino desaparecesse, mesmo ao longo do período no qual esteve proibido. Foi somente em setembro de 1982, de acordo com Goellner, que a inclusão de uma partida entre mulheres representando as seleções de São Paulo e Rio de Janeiro como preliminar do clássico São Paulo e Corinthians na programação do I Festival Nacional de Mulheres nas Artes, surgiu como uma estratégia para pressionar as instituições a regulamentar a modalidade. Uma das articuladoras desse jogo icônico foi a jogadora e advogada Rose do Rio, protagonista de muitas ações em prol do direito de as mulheres vivenciarem o futebol. Para Rose, a intenção era:

promover o futebol feminino, atrair a torcida para os estádios com um novo tipo de espetáculo que não parece ferir ninguém, exceto uma legislação discriminatória que impede a mulher de desempenhar uma atividade esportiva reservada, ao que parece, ao homem. Ora, toda lei (decreto ou deliberação) que faça clara discriminação de qualquer espécie contraria a Constituição em vigor. E por isso vamos tentar, através da Justiça, derrubar a deliberação do CND e expandir o futebol feminino. (apud GOELLNER, 2021, p. 04)

⁶ Autor de livros sobre normas de conduta social e moral, José Fuzeira escreveu uma carta endereçada ao Presidente da República Getúlio Vargas, publicada pelo jornal carioca “Diário da Noite”, sobre o seu descontentamento com a prática do futebol feminino no Brasil.

Assim, um ano depois do festival, em 1983, o CND autorizou, finalmente, a prática da modalidade por mulheres. No entanto, estabeleceu que fossem seguidas as normas recomendadas pela FIFA, dentre as quais se destacam a diminuição do tempo do jogo, do tamanho do campo, do peso da bola, além do uso de “protetores para os seios e as chuteiras não poderão ter travas pontiagudas. Outra diferença do futebol tradicional: bola ‘matada’ no peito será falta, equivalente à bola na mão” (GOELLNER, 2021, p. 04). Essas regras só viabilizaram ainda mais o conceito de “sexo frágil” para o público feminino, além de construir barreiras para o desenvolvimento do futebol praticado por mulheres.

Apesar disso, com a regulamentação da modalidade, foi permitido que as atletas pudessem competir, criar calendários, utilizar estádios e até mesmo ensinar nas escolas. Com isso, surgiram alguns clubes pioneiros no profissionalismo, como o Radar Futebol Clube (1981-1989), do Rio de Janeiro, considerado um dos grandes times brasileiros com jogadoras mulheres, que conquistou inúmeros títulos nacionais e internacionais. Além dele, também nasceu o Saad (1985-2013), de São Paulo, campeão da Copa São Paulo (1990-1995), Taça Brasil (1989, 1991, 1996 e 2003) e vice-campeão do Mundialito de Clubes (1986).

Em 1988, a FIFA ampliou os horizontes da modalidade e organizou o primeiro torneio internacional, o *International Women’s Football Tournament* – evento preparatório para sediar a I Copa do Mundo de Futebol Feminino, que aconteceu em 1991 na China. Nessa competição inaugural, a seleção brasileira conquistou a terceira colocação e sua participação no primeiro mundial foi garantida por ter vencido o I Campeonato Sul-Americano, disputado em Maringá entre os dias 28 de abril e 5 de maio de 1991 (GOELLNER, 2021).

Cinco anos depois, em 1996, o Comitê Olímpico Internacional (COI) permitiu, pela primeira vez, a participação do futebol feminino nos Jogos Olímpicos, iniciada na edição de Atlanta. A Seleção dos Estados Unidos ficou com o pódio e o Brasil fechou a sua participação em quarto lugar, mesma colocação dos Jogos de Sydney, na Austrália, em 2000. Quatro anos depois, em 2004, na Grécia, mais especificamente em Atenas, as atletas brasileiras conquistaram a sua primeira medalha em segundo lugar, após perderem a final contra os Estados Unidos, um marco para a história. Na edição de 2008, na China, novamente a prata contra os EUA. Em Londres 2012, o Brasil caiu ainda nas quartas-de-final para o Japão, em compensação, a hegemonia dos Estados Unidos prevaleceu com mais um ouro. Nos Jogos Rio 2016, com sede em casa, o Brasil perdeu para a Suécia nas semifinais e, na disputa do bronze contra o Canadá, acabou ficando com o quarto lugar. A Seleção alemã foi a campeã deste ano (TELLES, 2017, p.31).

Na mais recente versão da Copa do Mundo feminina, em 2019, sediada na França, o Brasil foi eliminado nas oitavas de final pelas anfitriãs por 2x1 em um jogo eletrizante, que só foi decidido na prorrogação. Em compensação, os Estados Unidos venceram os Países Baixos na final por 2x0 e conquistaram a Copa do Mundo pela quarta vez, sendo o segundo consecutivo, tornando-se a segunda seleção desde a Alemanha, em 2007, a defender com sucesso o título. Apesar da derrota brasileira, o ano de 2019 se tornou marcante para as atletas brasileiras. A TV Globo, considerada a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, transmitiu pela primeira vez os jogos da seleção brasileira feminina em uma Copa do Mundo. Apesar dos avanços significativos que o futebol feminino apresentou ao longo dos anos, é inegável como a sua proibição por quase quatro décadas – incentivadas e baseadas unicamente pelas questões de gênero – causou danos significativos ao esporte.

Como vimos e analisamos até aqui, existe uma categoria, criada culturalmente, que insere homens e mulheres em “caixas” diferentes. Dessa forma, para ser vista como uma mulher, é necessário performar uma feminilidade específica – como cuidar do corpo, ter cabelos longos, usar maquiagem, não falar palavrão, ser meiga e muitos outros estigmas. Em contrapartida, para ser considerado um homem, é necessário ser o oposto da mulher – não chorar, ser grosseiro, ter cabelo curto, não usar maquiagem e nunca falar sobre o que sente, por exemplo.

Esses argumentos, como aponta Goellner (2007), operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (GOELLNER, 2007, p. 185). Assim, surge-nos a questão principal que será abordada adiante: por que a prática de um esporte, como o futebol, provoca perguntas sobre a sexualidade de quem o pratica? Por que as mulheres que jogam bola não são mais vistas como “femininas” e escutam, muitas vezes, apelidos como “mulher macho”?

3.3 Entre a sexualidade e feminilidade questionadas

Uma partida de futebol consegue emocionar os mais variados públicos, motiva, alegra, emociona e movimentada grande quantidade de pessoas no mundo inteiro. Atualmente, as mulheres estão presentes nos locais onde se pratica essa modalidade esportiva e ocupam os

seus espaços. Nesse sentido, além de torcedoras cada vez mais frequentes nos estádios, de estarem em ambientes profissionais, como o jornalismo esportivo e pesquisas acadêmicas sobre o tema, as mulheres também ocupam o centro das “quatro linhas” dos campos de futebol.

As autoras Priscila Gomes Dornelles e Jilvania Santana dos Santos, colaboradoras do livro “As mulheres no universo do futebol” (2020), trazem uma perspectiva interessante sobre gênero e sexualidade no contexto de mulheres praticantes do esporte. Segundo as pesquisadoras, entender os caminhos e percursos das mulheres no cenário esportivo requer uma compreensão acerca do gênero como norma, como relações de saber-poder exercidas e resistidas, implicando a constituição e regulação do que podem os corpos e do que se define como corpo masculino e/ou como corpo feminino (DORNELLES; DOS SANTOS, 2020). Assim, percebemos que compreender o gênero como um marcador social definidor e explicativo das (im)possibilidades das mulheres no futebol é o primeiro passo para mergulharmos nos desafios que as mulheres enfrentam diariamente ao praticarem essa modalidade esportiva.

No primeiro capítulo deste projeto, analisamos que o gênero é uma produção cultural, ou seja, o seu teor performático é essencial para reafirmar a produção do feminino e masculino nos sujeitos. Judith Butler (2003) afirma que:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica). [...] Na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas. (BUTLER, 2003, p. 29)

Estrutura essa que organiza o gênero com base no sexo. Essa organização afirma que determinado sexo (baseado em características biológicas) indica determinado gênero, e este gênero, por sua vez, indica ou induz o desejo. Cria-se, então, como aponta Louro (2004), uma sequência primária de "sexo-gênero-sexualidade", que nasce da intenção de estabelecer um controle/uma norma para as vontades, desejos e "seres" de cada sujeito. Essa sequência é reforçada diariamente, de ano a ano, de século a século, a partir da cultura estabelecida em cada sociedade (com jeitos masculinos ou femininos de ser e que reafirmam a dicotomia dos gêneros). Assim, essa ordem só se torna segura por afirmar que o sexo existe fora da cultura, que é o antecessor de tudo, e que a sequência seguinte nasce para reforçar o que se considera “natural biológico”.

Portanto, é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente desde sempre na cultura – pelo próprio sujeito e pelos outros. Louro sinaliza que existe uma multiplicidade de sinais, códigos e atitudes que define (pelo menos momentaneamente) quem é o sujeito.

A marcação pode ser simbólica ou física, pode ser indicada por uma aliança de ouro, por um véu, pela colocação de um piercing, por uma tatuagem, por uma musculação “trabalhada”, pela implantação de uma prótese... O que importa é que ela terá, além de efeitos simbólicos, expressão social e material. Ela poderá permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado. (LOURO, 2004, p. 70)

Percebe-se, então, os pesos e a responsabilidade que se colocam sobre os corpos. Aqueles que fogem das expressões socialmente esperadas nessa estrutura binária são considerados desviantes e/ou anormais. Portanto, a concepção binária dos gêneros limita e singulariza a forma de ser masculino e de ser feminino, forçando também a produção de uma heterossexualidade dita como natural, como se a sexualidade se constituísse a partir e em decorrência do gênero, seguindo uma lógica/sequência única de gênero e sexualidade.

Dessa forma, como explicam Dornelles e Dos Santos, esse conceito – baseado na naturalização e no determinismo biológico do gênero e da sexualidade, posiciona as mulheres jogadoras de futebol em uma aproximação imediata com a não heterossexualidade e/ou com a lesbianidade, a bissexualidade e/ou qualquer outra expressão dita desviante da sexualidade. Isso acontece porque as atletas, inseridas em um esporte que reafirma constantemente a masculinidade, acionam expressões de feminilidade distantes daquelas desejadas e referenciadas. Assim, elas são posicionadas como não heterossexuais por causa desse jogo discursivo generificado de explicação dos corpos (DORNELLES; DOS SANTOS, 2020).

Esse jogo, de acordo com Butler (2018), está diretamente ligado ao fato de que a heteronormatividade está relacionada com a naturalização da heterossexualidade e uma ligação obrigatória entre sexo e reprodução. Como aponta a autora, a necessidade de reprodução da humanidade definiu vários requisitos, estabelecidos na literatura antropológica do parentesco, onde colocaram a reprodução sexual dentro dos limites de um sistema de casamento de base heterossexual. Assim, a reprodução desses seres humanos generificados garantem a

consequente reprodução desse sistema de parentesco. Livia Gonsalves Toledo e Fernando Silva Teixeira Filho (2010) trazem uma perspectiva complementar sobre esse pensamento quando dizem que:

A heteronormatividade diz respeito ao sistema de organização da sociedade que pressupõe a heterossexualidade como normal e normativa diante de outras formas de vivência das sexualidades. Deste modo, as normas definidoras da sexualidade “normal” requerem o casal formado por um homem e uma mulher, afetivo-sexualmente complementares, opostos em seus papéis sociais e sexuais. Assim, compõem uma ordem social e sexual na qual são postas expectativas e demandas para homens e mulheres, esperando destes o seguimento das normativas de sexo/gênero/desejo baseadas na heterossexualidade, vista como ideal e natural. Desse modo, o que diverge dessa norma é então classificado como imoral, desviante, aberração, doença, pecado e/ou é invisibilizado. (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2010, p. 730)

A partir desse entendimento, conseguimos compreender o porquê as mulheres praticantes de futebol recebem olhares tortuantes ao longo de suas trajetórias. Ser do gênero feminino e estar em um ambiente direcionado para o gênero oposto é considerado algo “não natural”, logo, desviante. Como aponta Kessler (2020), existe uma feminilidade tradicional que é constantemente reiterada, favorecendo o apagamento de mulheres que não se adequam a essa estética. É comum a associação entre uma estética diferente (que foge da regra) com a lesbianidade. Essas pressuposições, em parte, reforçam a necessidade de adequação das mulheres (lésbicas ou não) à feminilidade tradicional, para que assim sejam mais aceitas na sociedade (KESSLER, 2020, p.56).

Portanto, ao jogar futebol, as mulheres performam uma estética considerada “masculina”, que podemos exemplificar com a força bruta que o esporte exige, a atividade corporal constante, o próprio suor e até mesmo a rivalidade de uma partida são alguns aspectos considerados masculinizantes e, quando encontrados em um corpo feminino, tornam-se fatores-chave para a limitação do esporte por mulheres e o questionamento sobre as suas sexualidades. Essa limitação é acompanhada por preconceitos e termos pejorativos desestimulantes para a trajetória do gênero feminino no futebol.

Apelidos como “mulher macho”, “maria sapatão”, “maria João” e “molequinho” apareceram em algumas entrevistas que realizamos para este projeto quando questionamos as entrevistadas, sendo todas integrantes do time Atenas Academy – academia de futsal feminino amador do Rio de Janeiro –, se elas já haviam sido chamadas de algum termo pejorativo durante

a infância/adolescência somente por jogarem futebol. Gabriela Machado, de 23 anos, compartilhou o seguinte depoimento:

Desde pequena eu tenho esse meu estilo, eu não sou afeminada, eu nunca fui de vestir roupa de menina até uma certa idade. A minha mãe, antes de eu começar a me relacionar com o meu namorado, ela falou que tinha quase certeza que eu era lésbica ou bissexual, justamente pelo meu jeito. As pessoas ficavam me chamando de mulher macho, molequinho, só por conta do meu jeito não “afeminado”, mas eu também nunca liguei muito pra isso. (MACHADO, 2022)⁷

A realidade da Gabriela Machado é muito parecida com a de outras amantes do futebol. Performar trejeitos que ultrapassam o conceito de feminilidade direcionada para os corpos femininos é considerado um caminho desviante e “anormal”, o que estimula o preconceito sofrido por mulheres praticantes do esporte. Ítala Silva, de 26 anos, veio de Salvador (Bahia) para estudar e trabalhar no Rio de Janeiro desde 2021. Hoje, ela é uma das coordenadoras e atleta da academia Atenas e comentou sobre os apelidos que recebeu ao longo de sua vida:

Se a gente for olhar pra minha infância, eu brinquei de boneca até certo tempo, depois é óbvio que você vê os meninos jogando “tampinha”, bola de gude, isso vai ser bem mais legal do que ficar penteando o cabelo de uma boneca. Então, pra mim, era o tempo todo na rua, jogando bola, empinando pipa, jogando tampinha, jogando gude... E aí por isso me chamavam de moleque macho, maria João e outros apelidos. (SILVA, 2022)⁸

O depoimento da Ítala Silva é interessante para analisarmos que, a performance de uma não feminilidade padrão não é o único meio de ter a sua sexualidade questionada, mas também não estar em ambientes específicos para o seu sexo. Brincar na rua, jogar bola e soltar pipa, por exemplo, são atividades criadas e ensinadas diretamente para o público masculino. De acordo com Barthes (2007), o “brinquedo significa sempre alguma coisa, e esta alguma coisa é sempre inteiramente socializada, constituída pelos mitos ou pelas técnicas da vida moderna adulta” (p.60). Dessa forma, entendemos aqui que os brinquedos são uma representação da vida social e um intensificador da dicotomia dos gêneros. A atleta acima não recebia apelidos comparativos com o sexo masculino unicamente por não estar performando feminilidade, mas por estar presente em um ambiente criado socialmente para os homens.

⁷ Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 2022.

⁸ Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 2022.

No campo do esporte, como vimos até aqui, essa marcação se dá de forma parecida com outras tantas presentes no cotidiano dos indivíduos e seus corpos. Goellner (2007) aponta que o esporte é um local de produção de corpos generificados, não porque são generificados em sua essência, mas porque são assim construídos no interior das práticas, saberes e discursos que o integram e que estão no seu entorno (GOELLNER, 2007, p. 189). É justamente por isso que as mulheres são incentivadas a praticarem esportes desde que não percam a sua graciosidade, delicadeza e beleza, o que consideramos aqui atributos direcionados à feminilidade.

Dessa forma, as tentativas de apagamento de expressões de gênero dissidentes tornam-se frequentes no meio futebolístico. Muitas atletas são incentivadas a se adequarem a padrões de feminilidade tradicional (KESSLER, 2020). Algo semelhante foi citado por uma das nossas entrevistadas. Julia Maia, mais conhecida como “Julinha”, tem 17 anos e é uma das atletas de alto rendimento do time Atenas. Ao ser perguntada se havia algo que a incomodava no grupo, ela respondeu que:

Eu acho que, no geral, é um espaço muito bom, mas ainda tem coisas que incomodam um pouco às vezes. Por exemplo, short curto me incomoda muito e aqui é assim, é o padrão. Eu não posso, por exemplo, usar uma bermuda preta pra não destoar tanto do uniforme. Mas aí não tem um calção de uniforme... Se tivesse um calção de uniforme, eu iria adorar o uniforme, mas não tem, só tem o shortinho. (MAIA, 2022)⁹

Percebemos, então, que apesar de ser um espaço importante para o desenvolvimento do futebol feminino, esses lugares ainda têm em seu imaginário cultural o entendimento de que a bermuda é para os meninos e o shortinho é para as meninas. Essa dicotomia, pautada em uma estrutura binária dos sexos, dificulta e inviabiliza as diferenciações e pluralidades presentes nos modos das mulheres existirem e de viverem suas feminilidades. Louro traz uma perspectiva interessante sobre a existência de uma “fronteira” sexual e de gênero que permite uma variação de expressão dos sujeitos.

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver.

⁹ Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2022

(LOURO, 2008, p. 21).

Então, ao preferirem vestir uma bermuda ao invés de um shortinho, soltar pipa ou jogar bola, por exemplo, Gabriela, Ítala e Julinha, assim como outras diversas meninas, se colocam nessa fronteira de pluralidade dos seus corpos e jeitos de ser. Portanto, como abordam Dornelles e Dos Santos, se entendermos que as masculinidades e as feminilidades são diversas e transitórias, a participação/atuação de mulheres e de homens na sociedade também deve se constituir de variados modos, em diferentes contextos e espaços sociais (DORNELLES; DOS SANTOS, 2020).

Assim, ao reconhecermos a pluralidade do “ser mulher” e das formas de performar feminilidade, construímos possibilidades de as mulheres ocuparem diferentes espaços e serem reconhecidas dentro deles. No próximo capítulo, buscaremos entender a trajetória igualitária do futebol feminino e analisaremos como criar esses espaços de desenvolvimento da modalidade impacta diretamente na ascensão do esporte, além de abrir novos caminhos para as próximas gerações.

4 MULHER E FUTEBOL: UM AMOR (QUASE) IMPOSSÍVEL

“É um orgulho enorme poder me despedir com essa certeza diferente, de que nenhuma menina vai sofrer o que eu sofri para jogar bola.”¹⁰

Formiga¹¹

É certo que o futebol feminino ainda é alvo de preconceitos por grande parte da sociedade, justamente pelos discursos biológicos e sociais que direcionam os corpos de mulheres como alheios ou incapazes de praticarem alguns esportes. Embora as mulheres já ocupem espaços na modalidade, ainda não é garantida a elas uma prática de qualidade, com investimentos financeiros, reconhecimento e espaços para a prática esportiva tanto em âmbito profissional quanto amador.

Apesar de andar em passos lentos, é inegável a evolução do esporte no Brasil após o fim do decreto de proibição da prática da modalidade por mulheres. A fala da Formiga, única futebolista brasileira a disputar sete Copas do Mundo (entre homens e mulheres)¹², comprova este pensamento. Não há dúvidas sobre o longo percurso que a modalidade feminina ainda precisa percorrer para chegar perto do nível vivido pelo futebol masculino, mas a ideia de uma esperança e incentivo para as próximas gerações é o que carregará este próximo capítulo. Afinal, o que seria de nós, mulheres, sem esperança e persistência?

4.1 A luta igualitária

Quando pensamos nas trajetórias das mulheres ocupando espaços sociais importantes, como na política, em cargos executivos de grandes empresas, sendo treinadoras, pesquisadoras e, claro, jogadoras de futebol, é impossível não lembrarmos de todo o percurso e lutas feministas que nos permitiram chegar até esses lugares. Segundo Silvana Goellner (2007), em seus estudos sobre mulheres, feminismo e esportes, a autora traz uma perspectiva interessante sobre o campo historiográfico das mulheres. Ela ressalta a importância dos atravessamentos

¹⁰ Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/em-carta-formiga-relembra-desafios-de-trajetoria-como-atleta-e-deixa-recado-a-nova-geracao-voce-pode-tudo>. Acesso em: 10/12/2022

¹¹ Miraildes Maciel Mota, mais conhecida como Formiga, é uma futebolista brasileira que atua como volante. Atualmente, joga pelo São Paulo.

¹² A atleta disputou as Copas de 1995, 1999, 2003, 2007, 2011, 2015 e 2019.

disciplinares, visto que a História, ao dialogar com a literatura, com os estudos de gênero e com as epistemologias feministas, tem permitido a emergência de diferentes práticas discursivas, conferindo visibilidade às mulheres como sujeitos históricos. (GOELLNER, 2007, p. 175).

Ainda segundo a autora, essa é a razão pela qual não há como falar de uma “História das Mulheres”, mas de “histórias” e de “mulheres”, onde inexistente uma hegemonização do fazer historiográfico, visto que as mulheres são plurais e que as abordagens possíveis de narrá-las podem e devem ser absolutamente diversas (GOELLNER, 2007). Este pensamento se torna fundamental para este projeto quando entendemos que existem diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades, dependendo do contexto social, cultural e espaço físico no qual o homem ou a mulher estejam inseridos.

Complementando e criticando os estudos sobre a categoria universal “mulher”, Judith Butler (2003), um dos nomes de referência no assunto na atualidade, afirma que “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’ o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca emancipação” (BUTLER, 2003, p.21). Dessa forma, é fundamental se questionar quais tipos de mulheres estão inseridas na luta feminista, sejam elas cis, trans, brancas, pobres, ricas, indígenas etc., compreendendo as múltiplas identidades que existem no “ser mulher”.

Neste sentido, como aponta Goellner, ao romperem com a categoria universal “mulher”, as epistemologias feministas e os estudos de gênero têm promovido a inserção, permanência e ampliação da participação feminina no campo das práticas corporais e esportivas (GOELLNER, 2007). A autora ainda complementa:

Ao eliminarem do horizonte analítico o determinismo biológico e os binarismos, estes estudos favorecem a aceitação da profusão de feminilidades e de masculinidades, da permeabilidade entre as fronteiras corporais e a não fixidez das identidades. Permitem, ainda, compreender que o esporte não é um campo “naturalmente” masculino, nem mesmo aquelas modalidades que exigem maior força física e vigor. (GOELLNER, 2007, p. 190)

Portanto, ao se desvincularem de uma única forma de ser mulher e expressar suas feminilidades, as lutas e os estudos feministas abriram um leque de possibilidades para a inserção das mulheres em meios que, antes, eram considerados apenas masculinos – como o futebol. Entretanto, apesar dos avanços e passados quase oitenta anos de oficialização da interdição e mais de quarenta do término da vigência dessas determinações, é possível identificar que o futebol de mulheres ainda necessita avançar em termos de estruturação, visibilidade e reconhecimento.

Um exemplo que concretiza a afirmação acima está registrado em relatório publicado pela FIFA, em julho de 2019, cujo documento indica que o Brasil tem um total de 15 mil mulheres disputando campeonatos em algum nível. Esse número é pequeno se compararmos, por exemplo, com a Argentina (27 mil), a Venezuela (24 mil) e os Estados Unidos (9,5 milhões). Em relação às categorias de base, os dados são mais alarmantes: apenas 475 jogadoras com menos de 18 anos são registradas nos clubes (MENDONÇA apud GOELLNER, 2021, p.08).

A discrepância dos números dos Estados Unidos em comparação com outros países, principalmente com o Brasil, chega a assustar em um primeiro momento, mas se analisarmos brevemente o histórico do país em relação aos esportes, conseguimos entender todas as oportunidades e incentivos que o governo proporciona aos atletas estadunidenses ao longo dos anos. Com centros de treinamento e pesquisa aplicadas de forma a estreitar a relação entre atleta, treinador e cientista, o governo norte-americano proporciona uma estrutura e a mais alta tecnologia em benefício do alto rendimento¹³. Além dessas razões, o esporte norte-americano conta com o maior berço de formação de atletas a seu favor: as universidades. A política de concessão de bolsas de estudo e a estrutura para a prática das diferentes modalidades dentro do campus proporciona condições de incentivo e desenvolvimento inigualáveis para os atletas.

Quando levamos essa análise para o futebol feminino, compreendemos o porquê da seleção feminina dos EUA ser campeã da Copa do Mundo quatro vezes (1991, 1999, 2015 e 2019). Lá, o futebol praticado por mulheres é estimulado desde a infância. Enquanto os meninos vão para o basquete, futebol americano e beisebol, por exemplo, o esporte mais popular entre as meninas é justamente o futebol¹⁴. Diferente do Brasil, onde ainda não há categoria de base feminina, as meninas nos EUA, a partir dos sete anos, já tem oportunidades de jogar em clubes. Isso faz com que elas se desenvolvam desde muito cedo e que tenham o futebol como uma possibilidade de futuro.

Essa possibilidade maior de futuro também pode ser reafirmada com uma grande conquista recente que a seleção feminina dos EUA conseguiu. A partir de agora, em competições oficiais, incluindo a Copa do Mundo, os jogadores das Seleções feminina e masculina do país receberão pagamentos idênticos por partida¹⁵. Assim, a Federação norte-americana se tornou a primeira do mundo a igualar a premiação da Copa do Mundo da FIFA

¹³ Disponível em: <https://ge.globo.com/eu-atleta/saude/noticia/2016/08/incentivo-na-base-garante-sucesso-dos-atletas-dos-eua-na-olimpiada.html>. Acesso em: 04/12/2022

¹⁴ Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/07/08/tetracampeoes-por-que-os-eua-sao-tao-imbativeis-no-futebol-feminino/>. Acesso em: 02/12/2022

¹⁵ Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2022/05/selecoes-de-futebol-feminina-e-masculina-dos-eua-terao-igualdade-salarial/>. Acesso em: 03/12/2022

direcionada aos times feminino e masculino pela participação em seus respectivos Mundiais. Esses acordos irão durar até 2028, cobrindo os dois próximos ciclos de Copa do Mundo e Olimpíadas.

Infelizmente, tal feito não se expandiu para outros países, principalmente quando falamos do Brasil. Uma conquista significativa da Seleção feminina brasileira aconteceu em 2020, quando o presidente da CBF, Rogério Caboclo, revelou que a entidade definiu a igualdade de valores de prêmios e diárias entre as Seleções masculinas e femininas. Entretanto, em parte dos campeonatos, como a Copa do Mundo, os valores seguem bem diferentes. A CBF informou que as premiações serão proporcionais ao repasse da FIFA para cada modalidade, ou seja, se a entidade cumprir a promessa de dobrar a premiação da Copa do Mundo Feminina, o valor será de US\$ 60 milhões em 2023 (R\$ 310 milhões), cerca de 15% dos US\$ 400 milhões (mais de R\$ 2 bilhões) que serão pagos aos homens nesta Copa do Mundo de 2022¹⁶.

A diferença das premiações femininas e masculinas é um dos principais exemplos de desigualdade entre homens e mulheres no futebol, mas não é a única. Falta de incentivos, estruturas, salários, investimentos e patrocínios rondam até as melhores jogadoras do mundo. É o caso da Marta que, embora tenha sido eleita a melhor do mundo seis vezes, não chega nem perto de receber os mesmos valores salariais ou de patrocínios que muitos atletas masculinos. Como forma de protesto, a jogadora recusa, desde 2018, patrocínios esportivos e entra em campo usando uma chuteira preta, sem marca definida, mas com o logo da campanha “Go Equal”, que luta por salários iguais no esporte (como mostra a imagem abaixo). Além disso, no ano passado, ao fazer fotos oficiais para os Jogos Olímpicos, a atleta cobriu com o cabelo o símbolo da Nike, patrocinadora oficial dos uniformes da CBF, como um protesto contra o baixo investimento das marcas no futebol feminino¹⁷.

¹⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/03/maior-do-mundo-e-sem-patrocinio-por-que-marta-ainda-protesta-por-salario.htm>. Acesso em: 29/11/2022

¹⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/03/maior-do-mundo-e-sem-patrocinio-por-que-marta-ainda-protesta-por-salario.htm>. Acesso em: 29/11/2022

Figura 3 - Marta aponta para a chuteira, com símbolo da campanha “Go Equal”, em jogo na Copa do Mundo de 2019



Fonte: (Universa/UOL)¹⁸

Ao compararmos o salário de Neymar¹⁹ com o de Marta, por exemplo, utilizando dados de 2018, percebemos que, enquanto a jogadora recebia cerca de 340 mil euros por temporada (pouco mais de R\$ 2 milhões, na conversão atual), Neymar, seis anos mais jovem e sem nunca ter recebido uma bola de ouro, recebia 91,5 milhões de euros (mais de R\$ 556 milhões) – ou seja, os ganhos da melhor do mundo seriam equivalentes a menos de 1% dos ganhos dele²⁰. Essa disparidade de valores é só uma das consequências do preconceito de gênero no esporte e a proibição da prática da modalidade por quase quatro décadas pelas brasileiras. Essas barreiras

¹⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/03/maior-do-mundo-e-sem-patrocinio-por-que-marta-ainda-protesta-por-salario.htm>. Acesso em: 29/11/2022

¹⁹ Futebolista brasileiro que atua como atacante. Atualmente joga pelo Paris Saint-Germain e pela Seleção Brasileira.

²⁰ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/03/maior-do-mundo-e-sem-patrocinio-por-que-marta-ainda-protesta-por-salario.htm>. Acesso em: 29/11/2022

encontradas pelas amantes do futebol impactam diretamente no seu desenvolvimento enquanto atletas e nos salários/patrocínios recebidos.

Apesar de todos os obstáculos que o futebol feminino encontra no Brasil, não há como negar a evolução do esporte nos últimos anos, que perpassa diretamente pela luta e descontentamento de diversas amantes do esporte. Vale registrar neste projeto, portanto, um episódio que consideramos marcante para o desenvolvimento do esporte no país: a publicação do documento “Lendas brasileiras apelam à reforma: carta aberta das veteranas do futebol feminino endereçando a situação atual no Brasil”. Segundo Goellner (2021), oito atletas e ex-atletas se indignaram pela demissão precoce de Emily Lima, a primeira mulher a comandar a Seleção principal, e assinaram o documento conclamando a CBF a ampliar a participação das mulheres não apenas como atletas, mas também nos cargos técnicos e de gestão. Nas suas palavras: “As ações que estamos tomando agora são motivadas por um desejo de que todas as mulheres e meninas que seguem os nossos passos possam ser capazes de alcançar mais do que nós, dentro e fora do campo” (apud GOELLNER, 2021, p.08).

Esse documento contribuiu, de certa forma, para apontar a insatisfação de diversas jogadoras com o desenvolvimento do esporte no país. De lá para cá, muita coisa mudou e evoluiu. Desde a Copa do Mundo Feminina de 2019, o cenário da modalidade vem mudando no país e no mundo. Pela primeira vez na história, a Copa Feminina obteve o apoio de grandes marcas (como Nike, Boticário, Itaú e Guaraná Antártica), vendeu produtos relacionados e trabalhos de marketing sobre a imagem das principais jogadoras, além de produzirem vídeos emocionantes sobre a igualdade de gênero no esporte. Embora tenha sido a sua nona edição, foi a primeira vez que todos os jogos do campeonato foram exibidos e transmitidos em TV aberta – o que resultou em mais de 1 bilhão de espectadores, somando todas as partidas, em todo o mundo, o Brasil foi o país que mais assistiu à final, mesmo sem estar classificado²¹.

Esses acontecimentos mostram que, apesar de andar em passos lentos, o futebol feminino no Brasil tem caminhado para um futuro significativo de evoluções. Uma das mais recentes mudanças partiu do Licenciamento de Clubes, criado em 2017, entre a CBF, a FIFA e a Conmebol (Confederação SulAmericana de Futebol), onde tornaram obrigatório que todos os times que desejam disputar a Copa Libertadores da América (todos aqueles que disputam a série A do Brasileirão) devem ter uma equipe feminina – adulta e de base²². A exigência

²¹ Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/10/18/copa-do-mundo-feminina-bate-recorde-e-supera-1-bilhao-de-espectadores/>. Acesso em: 03/12/2022

²² Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2017/01/clube-sem-futebol-feminino-ficara-fora-da-libertadores-partir-de-2019.html>. Acesso em: 01/12/2022

começou a valer desde 2019 e se mantém até hoje como uma medida para incentivar o futebol feminino no país. Além dos times em si, as exigências feitas pela sanção dada pelas instituições também se referem à estrutura dos clubes e profissionalização do futebol feminino.

Em entrevista à autora Teresa Cristina de Paiva Cunha, em seu livro “O início do futebol feminino no Brasil” (2016), a jogadora Marta comentou sobre a recente decisão e os impactos no esporte feminino (TELLES, 2017). Segundo a atleta, a proposta é excelente e incentiva a prática da modalidade por mulheres, mas vai além do futebol:

É muito legal, é bastante motivador. Mas eu acho que teria que partir dos clubes. Não é só o esporte. É uma questão para trabalhar a igualdade de gênero, que é assunto no mundo inteiro. Esse seria um exemplo que os clubes dariam para combater essa situação e não necessariamente ter que ter a obrigação de montar uma equipe feminina para jogar um campeonato. (apud TELLES, 2017, p. 34)

O pensamento de Marta é fundamental para este projeto, justamente por compreender que o futebol está inserido em uma questão muito maior do que propriamente o ato de praticar o esporte, pois envolve uma relação de poder e ocupação desses espaços considerados masculinos. Investir e incentivar o futebol feminino perpassa pela naturalização da presença das mulheres em modalidades que, antes, sempre foram direcionadas e ensinadas aos homens. Portanto, oportunizar e lutar pela profissionalização do esporte feminino significa muito mais do que as questões salariais e de patrocínios que vimos até aqui (que são claramente fundamentais para a evolução da modalidade), mas perpassa por toda a desconstrução de uma naturalização do que as mulheres devem ou não fazer com os seus corpos, desejos, vontades e sonhos.

4.2 A construção de um legado e a esperança para as próximas gerações

Pensar em futebol praticado por mulheres é quase sinônimo de lembrar da Seleção brasileira feminina. Representar o seu país, ser reconhecida mundialmente e receber um salário digno é o sonho de qualquer atleta que pratica o esporte. Apesar de não podermos analisar o futebol feminino no Brasil apenas a partir da Seleção nacional, sua trajetória é um fator que merece atenção, seja porque baliza incentivos ou porque visibiliza a modalidade, principalmente na mídia que, em grande maioria, pauta o protagonismo das futebolistas apenas no período de competições de grande porte – como a Copa do Mundo ou Olimpíadas.

Embora a Seleção Brasileira feminina já tenha entrado em campo diversas vezes representando o país, nos chamou a atenção o impacto dos jogos das Olimpíadas de 2016, com sede no Rio de Janeiro, para o futebol feminino no Brasil. Na competição, mais de 270 mil pessoas foram assistir às jogadoras da Seleção, somando os públicos do Engenhão, Arena Amazônia, Mineirão, Maracanã e Arena Corinthians – com destaque para a semifinal contra a Suécia, que contou com quase 70 mil presentes²³.

A Seleção Brasileira feminina não conseguiu o tão sonhado ouro e nem o pódio (perdeu para o Canadá na disputa pelo bronze por 2 a 1), entretanto, segundo Marta, em entrevista para a BBC, as jogadoras e o futebol praticado por mulheres no Brasil conquistaram algo muito maior:

Não conseguimos o pódio, mas conseguimos um feito enorme: o carinho das pessoas. Conseguimos acordar o Brasil nesse sentido. E a gente espera que isso continue, porque, se tivermos o povo do nosso lado, vamos dar um passo muito grande. Fomos aplaudidas em todos os lugares onde passamos. Enchemos os estádios, uma coisa de louco. Até hoje não caiu a ficha. Nessa Olimpíada, foi o maior prêmio que a gente podia ganhar. (MARTA, 2016)²⁴

Como vimos nos capítulos anteriores, a modalidade feminina no país foi proibida por quase quatro décadas e isso influenciou diretamente no desenvolvimento do esporte, além do apoio recebido pelos telespectadores. Afinal, por que as mulheres estariam em um espaço destinado, desde o início, para os homens? Por que as pessoas iriam se interessar em assistir à performance constante de uma não feminilidade padrão imposta para os corpos das mulheres? Esses são questionamentos reais que, nas Olimpíadas do Rio 2016, foram jogados, de certa forma, para escanteio e abriram novas portas para dar visibilidade ao futebol e a Seleção feminina do Brasil.

Para além das arquibancadas, a equipe brasileira despertou um novo sentimento em alguns torcedores: insatisfação pela falta de vendas de camisas com nomes das jogadoras da Seleção. Ao ser questionada, a Nike (patrocinadora oficial da Seleção) afirmou que não produz nenhuma camisa com nomes de jogadores e que toda personalização é solicitada diretamente pelo consumidor ou feita pelos lojistas²⁵. O motivo de não encontrarem facilmente uma camisa da Seleção com o nome da Marta, por exemplo, movimentou o grande público com alguns

²³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37180497>. Acesso em: 01/12/2022

²⁴ Entrevista concedida à BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37180497>. Acesso em: 02/12/2022

²⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/torcedores-reclamam-de-falta-de-camisa-da-selecao-com-nome-marta.html>. Acesso em: 05/12/2022

protestos. Entre eles, está um dos mais marcantes, o de um menino que viralizou na internet ao riscar o nome do Neymar de sua camisa da Seleção Brasileira de futebol e escrever, à mão, o de Marta.

Figura 4 - Menino escreve o nome de Marta à mão em camisa da Seleção Brasileira



Fonte: (Metrópoles)²⁶

Esses acontecimentos nos mostram que, apesar de ainda ser em passos lentos, a evolução e o respeito pelo futebol feminino no país vêm se concretizando mais a cada dia. O reconhecimento de um menino em relação às mulheres praticantes do esporte é bastante significativo, justamente por ser o início da quebra do preconceito de existir o “esporte de menina e de menino” criado em nossa sociocultura.

O ano de 2016 não foi o único momento de ascensão da Seleção Brasileira feminina de futebol. A Copa do Mundo realizada na França, em 2019, também presenciou recordes de audiência nas partidas, como vimos anteriormente, mas também teve outras áreas que

²⁶ Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/jogos-olimpicos-2016/menino-risca-nome-de-neymar-e-escreve-o-de-marta-a-mao-na-camisa>. Acesso em: 02/12/2022

mostraram evolução. As empresas começaram a perceber o interesse dos torcedores pelo futebol feminino e, conseqüentemente, começaram a desenvolver produtos voltados para esse público. Entre as Copas de 2015 e 2019, por exemplo, cresceram 200% as vendas de camisetas oficiais das 14 Seleções femininas patrocinadas pela Nike em todo o mundo, incluindo a do Brasil²⁷.

Outro dado interessante é o da Avon, que lançou, no mesmo ano, a linha de batons de longa duração *Power Stay*. O produto gerou lucro três vezes maior que o esperado após a camisa 10 da Seleção, Marta, entrar em campo em todos os jogos utilizando cores diferentes e vibrantes da linha²⁸. Nessa mesma partida, a atleta se tornou a maior artilheira das Copas, entre homens e mulheres. Esses acontecimentos só reafirmam que existia, de certa forma, uma demanda reprimida de público pelo futebol feminino no Brasil – justamente pela falta de incentivo do esporte e, conseqüentemente, pela escassez midiática se compararmos as modalidades feminina e masculina.

Um exemplo recente que evidencia o crescimento e a demanda pelo esporte no país aconteceu em setembro deste ano. A final do Brasileirão feminino entre Corinthians e Internacional entrou para a história. Com 41.070 torcedores presentes, a Neo Química Arena (São Paulo) registrou o maior público em uma partida de mulheres entre clubes no Brasil. O recorde até então pertencia ao Inter, que colocou 36.330 torcedores no Beira-Rio (Porto Alegre) no empate de 1 a 1 no jogo de ida da final. Esse número histórico faz parte de um movimento nas redes sociais chamado “Invasão por elas”, criado pelos torcedores do Corinthians assim que o time paulista se classificou para a decisão. O duelo também bateu o recorde sul-americano de público, atingido na final do campeonato colombiano, quando 37.100 torcedores acompanharam a final entre América de Cali e Deportivo Cali, em julho deste ano. Iniciativas como essa, criada pela torcida corinthiana, contribuem para o incentivo e prestígio do futebol feminino no Brasil, justamente pelo seu desenvolvimento ter sido mais tardio se comparado com outros países²⁹.

Portanto, apesar de ainda existirem diferenças difíceis de serem ignoradas, compreendemos neste projeto que, tanto as Olimpíadas de 2016 quanto a Copa do Mundo de 2019, contribuíram para a construção de um legado positivo para o futebol feminino no Brasil

²⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/03/maior-do-mundo-e-sem-patrocinio-por-que-marta-ainda-protesta-por-salario.htm>. Acesso em: 29/11/2022

²⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/03/maior-do-mundo-e-sem-patrocinio-por-que-marta-ainda-protesta-por-salario.htm>. Acesso em: 29/11/2022

²⁹ Disponível em: https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/10966126/final-do-brasileirao-entre-corinthians-x-inter-entra-para-historia-e-bate-recorde-continental-de-publico-do-futebol-feminino. Acesso em: 29/11/2022

e esperança para o desenvolvimento de melhores estruturas e investimentos na modalidade brasileira. Julia Maia, uma das nossas entrevistadas, compartilhou um momento marcante na sua trajetória. A sua primeira vez no estádio foi para prestigiar a Seleção Brasileira feminina nas Olimpíadas de 2016, na semifinal contra a Suécia, no Newton Santos (Engenhão).

Eu lembro que estava muito cheio e, quando entrei, eu vi um monte de camisa amarela em volta do estádio e o barulho da torcida... lembro que isso me deixou muito emocionada. Aí a minha mãe me perguntou “tá feliz?” e eu segurando o choro de tanta felicidade. E aí eu peguei o radinho de celular e ficava ouvindo a narração enquanto via o jogo ao vivo. Eu lembro de ter sido um dos dias mais felizes da minha vida, porque não é uma coisa que a gente vê frequentemente, principalmente se tratando do futebol feminino, então ver ao vivo a partida e as jogadoras foi algo surreal. (MAIA, 2022)³⁰

O depoimento da Julia Maia nos ajuda a compreender a importância e o papel da Seleção nacional feminina na vida das atletas que buscam se profissionalizar no esporte, assim como para as amantes da modalidade, seja jogando, torcendo ou pesquisando. Ao perguntarmos para as entrevistadas uma palavra que, para elas, definiria a Seleção feminina, todas escolheram “esperança”. Entendemos, então, que as representantes do Brasil têm um papel muito além de apenas visibilizarem o futebol feminino, as jogadoras representam a possibilidade de ocupar esses espaços que, por um longo tempo, foram considerados masculinos e a possibilidade de construir uma carreira futebolística.

Para além da Seleção brasileira feminina de futebol, existem outros espaços que estimulam e incentivam a prática do esporte por mulheres. É o caso da equipe Atenas Academy, academia de futsal feminino amador criada em 2016, no Rio de Janeiro, com o objetivo de ser um lugar de acolhimento e desenvolvimento da prática esportiva por mulheres. Por encontrarem diversos obstáculos ao longo de suas trajetórias na modalidade, intensificadas pelo fator de gênero, o futebol amador se torna, muitas vezes, o caminho que as jogadoras encontram para realização do sonho de praticarem o esporte e de manterem a paixão viva dentro de si. Ítala Silva, que iniciou a sua história na academia de futsal este ano, enxerga o time Atenas para além da prática esportiva.

Além de tudo, acho que é a inclusão, é isso que o esporte proporciona. Ter esse espaço direcionado para as mulheres contribui para o desenvolvimento do futebol feminino, principalmente porque também temos categoria de base. Então, eu acho que é um trabalho de formiguinha, porque a menina não vai

³⁰ Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2022.

começar hoje e amanhã vai ser uma Marta da vida, é um trabalho de longo prazo, que vai evoluindo de pouquinho em pouquinho. (SILVA, 2022)³¹

Uma das maiores dificuldades de evolução do esporte feminino no país está diretamente ligada à falta de categoria de base para desenvolvimento das atletas desde cedo – como acontece com os meninos. Essa falta de incentivo desde a infância ocorre porque o gênero, em nossa sociocultura, funciona como categoria fundamental na socialização de meninos e meninas, assim como na divisão social das práticas profissionais e corporais da sociedade, bem como das representações que permeiam esta mesma sociedade (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003). Assim, ter um espaço que estimule o futebol feminino desde a infância, como acontece no time Atenas, é um passo fundamental para não somente contribuir com a evolução do esporte, mas para inserir no imaginário social que a prática da modalidade por mulheres deve ser estimulada desde cedo.

Entretanto, incentivar a prática do esporte desde a infância perpassa por caminhos mais profundos do que a falta de categorias de base. Por ser dependentes dos pais, as meninas necessitam do aval de seus responsáveis para jogarem futebol e para ter acesso a esses locais. Gabriela Machado, uma das nossas entrevistadas, ressalta que o papel dos pais no desenvolvimento futebolístico das atletas é fundamental para a continuidade no esporte.

Eu desanimei muito quando eu era pequena, mas também o que eu poderia fazer? Eu tinha apenas 11 anos, não tinha como pegar um ônibus e só ir. Então, eu falaria para as mães e pais das crianças, até da base do Atenas, para levarem os seus filhos para onde eles quiserem ir... suas filhas principalmente. Isso vai dar muito mais positividade e incentivo para a vida da criança do que qualquer outra coisa. (MACHADO, 2022)³²

Compreendemos, então, que a presença e apoio dos pais também se torna essencial para o desenvolvimento de uma jogadora de futebol. Criar esses espaços e incentivar que as meninas/mulheres joguem futebol, seja na academia Atenas (de forma amadora) ou em times nacionais e internacionais, contribui para a evolução do esporte em diversos aspectos, principalmente na perspectiva de gênero. Portanto, por mais que a evolução do futebol feminino aconteça de forma gradativa, é inegável a sua ascensão, principalmente nos últimos anos. É certo que ainda há um longo caminho a ser percorrido em diversas esferas do esporte, mas, como vimos até aqui, as mulheres vêm ocupando cada vez mais esses espaços e buscando melhores estruturas/investimentos na modalidade feminina.

³¹ Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 2022.

³² Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 2022.

5 CONCLUSÃO

O Brasil é considerado o país do futebol ao redor do mundo. Afinal, já ganhou a Copa do Mundo cinco vezes e formou craques como Pelé, Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho e Neymar, por exemplo. Quando pensamos no futebol feminino, infelizmente não há como afirmar essa primeira sentença. Apesar de ter sido o local onde grandes nomes da modalidade feminina surgiram, como Marta, Formiga e Cristiane, a história do futebol praticado por mulheres no Brasil encontrou diversas dificuldades ao longo de sua trajetória – especialmente por questões e preconceito de gênero.

Como vimos ao longo deste projeto, ser mulher ou homem perpassa por um conjunto de performances que determina para cada gênero formas de agir, pensar, o que pode ou não fazer, gostar e até mesmo amar. Em nossa sociedade, delimitou-se, durante séculos, que as mulheres deveriam ficar com as tarefas de casa enquanto os homens deveriam trabalhar para sustentar a família. De lá para cá, muita coisa mudou e evoluiu, mas é inegável como esse pensamento influenciou na determinação do que cada gênero pode fazer com os seus corpos e nas atividades concebidas como “de menina” ou “de menino”.

Percebemos, então, como o gênero é um marcador social definidor e explicativo das (im)possibilidades das mulheres no futebol, sendo também um dos responsáveis pelos desafios que elas enfrentam diariamente ao praticarem essa modalidade esportiva. Isso porque entendemos, ao longo do trabalho, que o futebol é uma atividade caracterizada, desde a sua origem, como um espaço masculino. Entretanto, por ter sido construído na cultura, esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, pois reafirma os valores e significados do que vêm a ser um corpo masculino ou feminino na sociedade.

Dessa forma, ao ocuparem as quatro linhas, as mulheres se aproximam de uma estética considerada masculina, como a força bruta, atividade corporal constante, o próprio suor e até mesmo a rivalidade/agressividade das partidas. A aproximação dos corpos femininos com esses aspectos torna-se um fator chave para a limitação do esporte entre as mulheres, o surgimento de piadas estigmatizantes e as insinuações preconceituosas, além do questionamento sobre as suas sexualidades – justamente por não performarem uma “feminilidade padrão” esperada e ensinada na nossa sociedade.

Quando as mulheres ocupam esses espaços, direcionados e estimulados exclusivamente ao sexo masculino, elas ultrapassam uma “regra” e/ou “lógica” construída em nossa sociedade de que homens e mulheres são opostos e, por isso, não devem/podem ocupar os mesmos espaços sociais ou praticar as mesmas atividades. Portanto, compreendemos que os fatores de

gênero e a estrutura binária na qual se encontram são extremamente punitivistas, pois dificultam e inviabilizam as diferenciações e pluralidades presentes nos modos das mulheres e homens existirem e viverem suas feminilidades e masculinidades, principalmente quando falamos de futebol feminino.

Nesse sentido, a entrada das mulheres e a ascensão do futebol feminino são questões que vão além da possibilidade da prática do esporte. Estar em um ambiente considerado e direcionado aos homens significa desconstruir uma ideia de que os corpos femininos devem ocupar lugares específicos na sociedade e abrir novos caminhos para que as mulheres possam realizar suas vontades, desejos e sonhos.

Assim, compreendemos que, apesar de ainda caminhar em passos lentos, as sociedades têm evoluído e ficou evidente que, independentemente de ser um esporte ainda considerado, referenciado e visibilizado como masculino, o futebol é para todos. Esse pensamento pode ser exemplificado com cada vez mais meninas/mulheres sendo incentivadas a praticarem a modalidade, com a luta constante das atletas em busca de salários mais justos, melhores estruturas e visibilidade do futebol feminino – mesmo que de forma gradativa.

E não foi apenas nesse quesito que o mundo mudou. Cada vez mais vêm sendo reconhecidas novas formas de expressar os sujeitos e suas individualidades, como a transexualidade, as pessoas não-binárias e travestis, por exemplo. Então, analisamos que a estrutura binária na qual o mundo foi construído (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) limita as vontades, desejos e modos de ser dos indivíduos. Estar nessa fronteira de ser homem ou mulher, expressar ou não feminilidade ou masculinidade, gostar do sexo oposto ou não, talvez seja o lugar que alguns escolheram para viver as suas identidades e sexualidades.

Compreendemos, portanto, que os estudos no campo de gênero e os seus impactos na vida de homens e mulheres é, com toda a certeza, muito mais profundo e problemático do que este trabalho seria capaz de abordar. Um caminho interessante, como proposta para pesquisas futuras, seria buscar entender como os corpos dos homens são vistos ao praticarem balé (uma atividade considerada feminina em nossa cultura) e os impactos do preconceito de gênero para a inserção do público masculino nesses locais, por exemplo. Além disso, outra abordagem interessante seria tentar analisar até que ponto as jogadoras de alto rendimento, seja do futebol ou de outras modalidades, não estão, necessariamente, sendo mais “masculinas”, mas apenas expressando os trejeitos necessários para a prática da atividade em alto nível? Pelos esportes mais radicais terem sido praticados, em um primeiro momento, pelos homens, pode ser que

haja alguma influência em afirmar que os corpos femininos precisam se masculinizar para jogar em alto rendimento.

Por fim, parafraseando a atual melhor jogadora do mundo de futebol feminino, Alexia Putellas³³: “se você acha que o nível atual de engajamento no futebol feminino é bom, vai dar risada quando olhar para trás em alguns anos. Vai ser insano”³⁴. O entendimento de que homens e mulheres podem e devem praticar os mesmos esportes, sem interferência ou preconceito de gênero, é o que vem motivando a inserção e incentivo de cada vez mais mulheres na modalidade. Por mais que o caminho até aqui tenha sido árduo, repleto de obstáculos, preconceitos e rupturas, o futebol praticado por mulheres no mundo (seja de forma profissional ou amadora), principalmente no Brasil, tem evoluído de forma significativa e trazido cada vez mais esperança aos corações das amantes do esporte.

³³ Eleita melhor jogadora do mundo em 2021, a espanhola defende o Barcelona e se tornou uma das maiores referências no futebol feminino

³⁴ Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com/br/posts/alexia-putellas-carta-futebol-feminino-genero-barcelona>. Acesso em: 15/12/2022

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE DE MELO, Victor. “Imagens da mulher no esporte”. In: PRIORE, Mary (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

BARTHES, Roland. “Brinquedos”. In: Bertrand Brasil (orgs.). **Mitologias**. Tradução Rita Buongermino e Pedro de Souza. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2007.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/837_342_birmancartografiafeminismo.pdf

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição**. Dissertação (Mestrado em História Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. ed. 11. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Caderno de Leituras, n.78, 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do corpo feminino. Uberlândia, MG, **Caderno Espaço Feminino**, v. 28, 2015.

DORNELLES, Priscila Gomes; DOS SANTOS, Jilvania Santana. Narrativas de mulheres-jogadoras do interior baiano: rastros generificados do futebol feminino amador em Amargosa/BA. In: **As mulheres no universo do futebol**. Editora UFSM, 2020. p. 95-122.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do gênero: psicografia, sociocultura e transformações**. UFPR, 2011.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPpWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt>

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: Descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 27, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/BL3dbSMQpV3KyFcsqhWyQVc/?lang=pt&format=pdf>

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Ensaio**, Porto Alegre, v. 13, ed. 02, p. 171-196, 8 ago. 2007. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3554/1953>

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre. UFRGS. v.22, n.02, 1997.

KESSLER, Cláudia Samuel. “São tudo sapatao”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 07, n. 03, p. 46-58, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/26962/23292>

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103–117, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt&format=pdf>

KNIJNIK, Jorge Dorfman; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil**. São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003. Disponível em: <http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/SEMIMPEDIMENTO.pdf>

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. cap. 1, p. 13-34.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, ed. 02, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MOURA, José Eriberto Lessa. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. 125f. Tese (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

TELLES, Gabriela Pereira. **País do futebol... Feminino? A (In)visibilidade das mulheres nas quatro linhas**. Monografia (Comunicação Social/ Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3852/3/GPTelles.pdf>

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, ed. 3, p. 729-749, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/26962/23292>

SILVA, Sérgio Gomes. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 20, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/7ftQZzgJTGcvJmzWDv7gD5d/?lang=pt>